



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

ISABELLE MACIEL

**A COVID-19 E EMPREENDEDORISMO FEMININO:
PRINCIPAIS IMPACTOS DA PANDEMIA PARA EMPREENDEDORAS
DE SÃO JOSÉ DO EGITO-PE**

**SUMÉ - PB
2023**

ISABELLE MACIEL

**A COVID-19 E EMPREENDEDORISMO FEMININO:
PRINCIPAIS IMPACTOS DA PANDEMIA PARA EMPREENDEDORAS
DE SÃO JOSÉ DO EGITO-PE**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semi-árido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

Orientador: Professor Dr. Luan Gomes dos Santos Oliveira.

**SUMÉ - PB
2023**



M152c Maciel, Isabelle.

A COVID-19 e empreendedorismo feminino: principais impactos da pandemia para empreendedoras de São José do Egito-PE. / Isabelle Maciel. - 2023.

60 f.

Orientador: Professor Dr. Luan Gomes dos Santos Oliveira.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

1. Empreendedorismo feminino. 2. COVID-19 e empreendedorismo. 3. São José do Egito-PE - mulheres empreendedoras. 4. Mulheres e pandemia. 5. Microempreendedoras individuais. 6. Igualdade de gênero - empreendedorismo. I. Oliveira, Luan Gomes dos Santos. II Título.

CDU: 316:658(043.1)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

Johnny Rodrigues Barbosa
Bibliotecário-Documentalista
CRB-15/626

ISABELLE MACIEL

**A COVID-19 E EMPREENDEDORISMO FEMININO:
PRINCIPAIS IMPACTOS DA PANDEMIA PARA EMPREENDEDORAS
DE SÃO JOSÉ DO EGITO-PE**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semi-árido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais

BANCA EXAMINADORA:

**Professor Dr. Luan Gomes dos Santos Oliveira.
Orientador – UACIS/CDSA/UFCG**

**Professor Dr. Hiago Trindade de Lira Silva.
Examinador I – UACIS/CDSA/UFCG**

**Professor Dr. Wallace Gomes Ferreira de Souza.
Examinador II – UACIS/CDSA/UFCG**

Trabalho Aprovado em: 19 de julho de 2023.

SUMÉ - PB

AGRADECIMENTOS

Agradecer primeiramente a Deus por ter me ajudado até aqui e não ter deixado eu desistir, pois sem ele nada sou e não conseguiria.

Agradecer a minha mãe por tudo que faz por mim, pelo meu filho, pois com a ajuda dela eu não teria conseguido finalizar meu trabalho, agradecer a meu filho, pois sem ele a vida não tem sentido, ao meu marido por entender que precisava me dedicar ao TCC para concluir curso.

Ao meu orientador Luan Gomes pela paciência e por me ajudar em momentos de nervoso, e a UFCG-CDSA pela experiência vivida.

RESUMO

A presente monografia tem como principal foco na COVID-19 e empreendedorismo feminino: principais impactos da pandemia para empreendedoras de São José do Egito-PE. A pandemia da Covid-19 veio para desencadear mudanças econômicas e sociais significativas em todo o mundo. Ela causou um grande impacto nas vidas das mulheres, especialmente as mulheres empreendedoras. Neste contexto, o presente trabalho tem como objetivo analisar os principais impactos da pandemia sobre as empreendedoras de São José do Egito. Como abordagem metodológica de caráter qualitativo, com pesquisa de campo onde foi realizada entrevista semiestruturada com as empreendedoras. A partir desta análise, buscam-se entender quais são os principais desafios enfrentados pelas empreendedoras durante a pandemia da Covid-19 e quais são as principais estratégias de adaptação que elas têm utilizado. Os resultados desta análise contribuirão para o conhecimento sobre os impactos da pandemia na vida das empreendedoras e identificar oportunidades de desenvolvimento para o empreendedorismo feminino, bem como promover a conscientização e a visibilidade de temas pertinentes ao setor. Foram percebidos nos dados coletados que as empreendedoras sofreram e se adaptaram de maneira diferente e conforme seu nicho de trabalho, sendo encontrados resultados positivos e negativos entre elas, quando se trata da chegada da pandemia no momento de fechamento e reabertura do comércio.

Palavras-chave: Covid-19; Empreendedorismo; Empreendedorismo Feminino.

ABSTRACT

This monograph has as its main focus COVID-19 and female entrepreneurship: main impacts of the pandemic for entrepreneurs in São José do Egito-PE. The Covid-19 pandemic came to trigger significant economic and social changes around the world. It has made a huge impact on women's lives, especially women entrepreneurs. In this context, the present work aims to analyze the main impacts of the pandemic for entrepreneurs in São José do Egito – PE. As a qualitative methodological approach, with field research where a semi-structured interview was carried out with the entrepreneurs. From this analysis, we seek to understand what are the main challenges faced by entrepreneurs during the Covid-19 pandemic and what are the main adaptation strategies they have used. The results of this analysis will contribute to knowledge about the impacts of the pandemic on the lives of women entrepreneurs and identify development opportunities for female entrepreneurship, as well as promote awareness and visibility of topics relevant to the sector. It was perceived in the collected data that the entrepreneurs suffered and adapted differently and according to their work niche, when it comes to the arrival of the pandemic at the time of closure and reopening of trade.

Key words: COVID-19; Entrepreneurship; female entrepreneurship.

LISTA DE SIGLAS

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.

COVID – 19 - Corona Vírus 2019.

OMS – Organização Mundial da Saúde

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	UM OLHAR BREVE DOS CONCEITOS: TRABALHO, GÊNERO E EMPREENDEDORISMO.....	10
2.1	PROCESSO HISTÓRICO, ECONÔMICO SOCIAL DO TRABALHO.....	10
2.2	DESENVOLVIMENTO SOCIAL, POLÍTICO E ECONÔMICO DA MULHER	13
2.2.1	Luta pela igualdade de gênero no acesso aos direitos.....	14
2.2.2	A mulher no mercado de trabalho.....	20
3	EMPREENDEDORISMO.....	23
3.1	UMA CRÍTICA AO EMPREENDEDORISMO NO CONTEXTO NEOLIBERAL.....	27
3.2	CHEGADA DO MICROEMPREENDEDOR INDIVIDUAL (MEI) E SUAS FACETAS.....	29
4	A PANDEMIA E O IMPACTO DAS MULHERES EMPREENDORAS DE SÃO JOSÉ DO EGITO/PE.....	32
4.1	CARACTERIZAÇÃO E ORIGEM DO MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DO EGITO.....	32
4.2	TRABALHO INFORMAL, MULHERES EMPREENDEDORAS EM SÃO JOSÉ/PE.....	33
4.3	AS MULHERES E A PANDEMIA – EXPERIÊNCIAS DE EMPREENDEDORAS.....	37
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
	REFERÊNCIAS.....	53
	APÊNDICE.....	56

1 INTRODUÇÃO

O empreendedorismo feminino e suas diversas facetas econômicas, políticas e sociais tem sido tema de inúmeros estudos, mas o que é novo sobre o tema é como a vida empreendedora tem se modificado com a chegada do Covid-19 e com o que ela causou na vida de mulheres que empreendem, a chegada do Covid-19 desestabilizou grande parte dos comércios e vidas pessoais, a carreira feminina no mercado de trabalho já detêm obstáculos próprios e históricos, podendo ser a pandemia mais uma dificuldade para as empreendedoras.

Muitas empresas e empreendimentos foram fechados quando o vírus (SARS-CoV-2) responsável por causar a doença Covid-19 que trazia efeitos no trato respiratório de quem era contaminado por ele, surgiu e se espalhou pelo mundo rapidamente, com isso medidas de proteção foram necessárias para diminuir os casos de contaminados e de mortes. O vírus surge primeiramente em Wuhan na China com aparição de muitos casos de pessoas com sintomas de pneumonia de leve a grave em dezembro de 2019, quando Organização Mundial de Saúde (OMS) é alertada sobre a gravidade do vírus, com a rápida contaminação o vírus vai chegando em todos os países, até em 26 de fevereiro de 2020 é confirmado o primeiro caso de contaminação pelo vírus da Covi-19 no Brasil.

Como forma de prevenção, foi decretado o isolamento social, a maioria dos estabelecimentos tiveram que fechar apenas os considerados essenciais que permaneceram abertos, mas com restrições de higiene e distanciamento, e é nesse cenário de pandemia global que se encontravam as mulheres empreendedoras, no caso deste trabalho empreendedoras de São José do Egito-PE, onde foi realizada a pesquisa. Sendo assim, esse trabalho se justifica, pois ele busca analisar como a pandemia de Covid-19 afetou o empreendedorismo feminino em São José do Egito, identificando as principais dificuldades enfrentadas pela crise, além das estratégias de superação adotadas pelas empreendedoras.

Com isso, o referido trabalho tem como objetivo geral identificar quais os principais impactos da pandemia para empreendedoras de São José do Egito-PE? Nesse contexto para alcançar o objetivo geral deste trabalho, os objetivos específicos da pesquisa são: discutir a respeito dos estudos existentes da relação da mulher e o trabalho, descrever os conceitos de empreendedorismo, apresentar as mulheres empreendedoras de Egito-PE, analisar os principais impactos socioeconômicos da pandemia nas mulheres empreendedoras de São José do Egito-PE.

A metodologia abordada nessa pesquisa foi de caráter qualitativo que conforme Mussi, Assunção e Nunes (2019, p. 421) “Estudos com essa abordagem objetivam o aprofundamento

da compreensão de um fenômeno social por meio de entrevistas em profundidade e análises qualitativas da consciência articulada dos atores envolvidos no fenômeno.” A delimitação da pesquisa se deu em primeiro momento, na leitura e estudo de artigos científicos, estudos bibliográficos acerca do tema e conceitos que o complementa.

Após o levantamento desses dados bibliográficos, deu início a escrita do que foi coletado nos artigos para definir e descrever os conceitos abordados, conseguinte foi elaborado roteiro de entrevista semiestruturada que visa uma coleta de dados de maneira adaptável ao momento da entrevista e ao entrevistado como aponta Costa (2022, p. 1):

A entrevista semiestruturada consiste em um modelo de entrevista flexível. Ou seja, ela possui um roteiro prévio, mas abre espaço para que o candidato e entrevistador façam perguntas fora do que havia sido planejado. Dessa forma, o diálogo se torna mais natural e dinâmico.

Com roteiro pronto, foi realizada uma pesquisa de campo com intuito de entender e conhecer o ambiente em que o objeto de pesquisa está inserido e assim obter melhores resultados e vivências, na busca de desnaturalizar uma visão de senso comum de como se dá a relação da mulher como empreendedora com as outras vivências sociais destas.

Sobre a pesquisa de campo Marconi e Lakatos (2003, p. 186):

Pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles.

Foram entrevistadas 4 mulheres que tem um negócio próprio, empreendedoras que abriram seu negócio antes e durante a pandemia do Covid-19, na cidade de São José do Egito-PE. Foram analisados e descritos o material coletado nesse requerido trabalho, por meio do questionário que pode ser observado no final desse trabalho, no tópico anexo.

A presente pesquisa está estruturada em quatro sessões. Na primeira sessão, foi trabalhado uma breve reflexão sobre o tema sobre a temática estudada e quais foram os caminhos percorridos.

Na segunda sessão se encontra referencial teórico acerca dos conceitos usados e uma breve caminhada pelas mudanças histórica do trabalho.

Na terceira sessão estão os resultados da pesquisa, explicando quem são e os empreendimento que tem as entrevistadas, como também está nessa sessão o conceito de trabalho informal. E na última e quarta sessão estão as considerações finais sobre quais foram os impactos encontrados na vida das empreendedoras.

2 UM OLHAR BREVE DOS CONCEITOS: TRABALHO, GÊNERO E EMPREENDEDORISMO

Antes de adentrar em nosso objetivo principal, sobre a análise a cerca da Covid-19 e seus impactos na vida de mulheres empreendedoras da cidade de São José do Egito-PE, se faz necessário um breve passeio pelo processo histórico do conceito de trabalho, como este trouxe à luz a chegada da mulher no mercado de trabalho, assim com suas lutas diárias até a contemporaneidade. A importância do trabalho na vida indivíduo/sociedade é encontrada desde a existência da humanidade e sofre mutações conforme tempo, época, sociedades, momentos históricos e transformações tecnológicas.

2.1 PROCESSO HISTÓRICO, ECONÔMICO SOCIAL DO TRABALHO

O trabalho foi identificado desde a era dita “primitiva”, onde não havia divisão de classes nem presença e relações políticas, prevalecendo à caça, pesca e o trabalho para sobrevivência, sendo também este período marcado pelo marco da descoberta agrícola entre grupos e tribos conforme vemos em Pereira (2010, p. 5) “têm como fundamento a produção de uma economia natural, e como condição inicial á sedentarismo do homem a terra, que possibilitou uma maior produtividade na agricultura sistemática e da criação seletiva de animais voltados para a alimentação do grupo.”

Como também pela divisão do trabalho do homem e da mulher, pois nesse momento já se pode falar em uma divisão sexual do trabalho, a agricultura foi uma criação feminina, dado que as mulheres eram dedicadas o espaço doméstico enquanto aos homens era destinada a caça e o trabalho “fora”.

O trabalho a partir deste marco agrícola passou a ter uma organização nos grupos e tribos “primitivos”, onde agora sabiam como e quando deviam plantar, sendo não apenas para sobrevivência, como também para ter suprimentos em tempos difíceis de plantio, como também para a troca dos excedentes com outros grupos e tribos, surgindo assim a divisão do trabalho como vemos em Pereira (2010, p. 5) *apud* Oliveira (2006, p. 11):

A produção de excedentes e determinadas formas de troca significam o avanço das forças produtivas no interior das comunidades tribais, uma espécie de divisão do trabalho que propõe o domínio de relações não tão simplificadas que não se possa observar aí o embrião da desagregação das relações comunitárias absolutas.

Tais transformações tiraram os indivíduos de um modelo individual, onde não havia um senso de organização e divisão do trabalho, as questões relacionadas a grupo enquanto nômades

eram apenas pra sobrevivência, conforme aconteciam as mudanças no modo de vida desses povos o modelo de trabalho passa a ser coletivo pensado e com funções distribuídas entre os membros dos grupos. Sendo estes acontecimentos que deram início a divisão de trabalho que falaremos adiante ao decorrer dos demais períodos de mudanças ocorridas no âmbito do trabalho.

Foi através dessas mudanças que o período dito “primitivo” e seu modelo de trabalho ficaram no passado e deu luz ao modo de produção asiático, este novo modelo buscou formar uma nova maneira de resolver o excedente trazido outrora para que fossem estes redistribuídos e distribuído. A partir disto começaram a surgir os primeiros estados dando origem, a divisão de classe, a bases políticas e econômicas, sendo esta última formada pela agricultura, como ressalta Pereira (2010, p. 6):

A diferenciação das funções produtivas (divisão social do trabalho) cria condições para a imposição de interesses políticos e econômicos de um grupo sobre o outro, originando a distinção entre concepção e execução do trabalho. Esta é a origem das formações sociais de classes.

As terras eram do estado, assim como o controle econômico e político, mas quem as cultivava eram camponeses e aldeões que por fazer parte de sua comunidade tinham dever de tratar a terra, também podiam plantar e colher para eles e sua família, mas o que realmente ocorria era que estes trabalhavam de forma severa e tinham que dividir o que plantavam com o Estado. Ainda segundo Pereira (2010, p. 6) “A propriedade da terra é controlada e apropriada pelo estado (ou órgão oficial) que regulamenta toda a vida social, mas, principalmente, a produção e circulação dos produtos.”

Já no modo de produção feudal que sucede o asiático o aumento e liberdade de troca se expandiram entre os indivíduos, como mostra Pereira (2010, p. 7) “A expansão dos mercados de troca representou a “liberdade” dos trabalhadores frente essa estrutura econômica e política feudal, mas também a expropriação dos meios de produção, das garantias feudais, por meio da violência.”

Esta foi uma das mudanças que influenciaram demais nesse período, pois traz a luz a transição para o feudalismo como também para o capitalismo. Apesar destas mudanças o período feudal tinha um modelo econômico digamos restrito, pois as trocas de excedentes não eram ou quase sempre não partiam para além do feudo (uma grande propriedade rural que abrigava o castelo fortificado, as aldeias, as terras para cultivo, os pastos e os bosques.)

Contudo não apenas este fato colabora para tais mudanças e marcos históricos na área econômica, política, social e de produção, mas também um conjunto de acontecimentos, como

a mudança de poder da terra, que antes era dominada e subordinada pelo estado e agora se encontrava a mercê dos nobres, aqui diferente do modelo asiático e anteriores a ele a mão de obra era servil onde os camponeses eram quem predominavam na execução deste.

O modelo feudal conseguiu manter-se por 1000 anos aproximadamente, mas com o advento do crescimento populacional, a demanda de consumo, baixa produtividade, o feudo não conseguindo abastecer as cidades, as relações de serviços entre servos e senhores, deram início a crise do feudalismo. Os camponeses por conta da grande demanda de produzir, começaram a responder ao aumento de suas obrigações com protestos e revoltas em diversos lugares da Europa, França e Inglaterra.

Tais mudanças levaram o feudalismo à decadência e mais um a vez os meios e modos de produção sofreram mudanças necessárias para atender as necessidades desse tempo, surgindo o modelo de produção conhecido até os dias atuais chamado capitalismo.

As condições materiais necessárias para a acumulação capitalista era a transformação das relações sociais de produção que, no feudalismo, era caracterizada numa relação de dependência, servidão e coerção corporativa, onde o trabalhador se encontrava obrigado (jurídica e moralmente) aos mestres de ofício. (PEREIRA, 2010, p. 7)

Em meio a tudo que estava acontecendo no mundo à série de acontecimentos que colaboraram para chegarmos onde estamos hoje contribuíram para o grande e conhecido fenômeno Revolução Industrial XVIII que se tornou um grande marco para mudança política, econômica, social e do modo de produção feudalismo/capitalismo, pois foi o boom para tão evento que consolidou essa passagem.

A nova mudança no meio de produção da manufatura no estado feudal para a maquinofatura no capitalismo e com a expulsão dos camponeses das terras feudais que cultivam faz com que a vida urbana passe agora e depois das mudanças já citadas outrora, assim como tantas outras que também ocorreram e que não foram trazidas para o referido trabalho, pois não faz parte da proposta deste, a ganhar mais intensidade, agora os camponeses buscavam meios de trabalhos fora dos feudos.

Deste processo Marx (1968) destaca os seguintes pontos: primeiro, o processo de reforma agrária (dissolução das vassalagens, usurpação de terras comuns, expulsão dos camponeses), com finalidade de estabelecer e garantir a propriedade privada como condição da liberdade humana, servia a necessidade de força de trabalho em condição de assalariamento nas nascentes cidades em expansão. (PEREIRA, 2010, p.8 *apud* MARX, 1968)

Cansados e com um pouco mais de consciência sobre si, os camponeses, escravos, servos, estrangeiros, bárbaros, devedores, ladrões, se tornam a conhecida classe proletária como trás Pereira (2010, p. 7):

A sujeição do trabalhador ao capitalista e à condição de assalariamento está presente desde o século XIV com uma diversidade de manifestações, mas a formação clássica se deu na Inglaterra, no século XVI com a expropriação dos produtores rurais (camponeses), dando origem ao proletariado.

Agora o trabalho tinha bases salariais e os trabalhadores se asseguravam nisso, suas garantias estavam totalmente ligadas a tal feito, o capitalismo tirou toda e qualquer autoridade da relação produto e produtor, pois agora os trabalhadores tinham apenas a força de trabalho para oferecer em troca do salário que lhes davam os meios de subsistências tanto pessoais com o familiar.

As maquinofaturas, ao suprimir funções antes exercidas por operários, transformaram as relações de trabalho – o operário não era mais dono da matéria-prima, nem das máquinas (instrumentos de produção), condições indispensáveis ao capitalismo, e suas habilidades artesanais deixaram de ter a importância anterior, restando apenas sua força de trabalho, a qual era vendida de forma desfavorável, por baixos salários, insuficientes para garantir suas necessidades básicas e as de sua família. (RODRIGUES et.al, págs. 2, 3)

O modo de produção capitalista e a chegada da Revolução Industrial, trouxe consigo, impasses que precisavam de resultados e soluções rápidas, a grande exigência do mercado em produzir muito gastando pouco, fez com que os trabalhadores trabalhassem muito em condições precárias e recebessem pouco esse foi um dos fatos que levou a mulher a começar trabalhar nas fábricas, pois além destas serem uma mão de obra mais barata, era necessário complementar a renda familiar.

E é aqui que de fato precisa-se chegar, pois é a partir deste ponto que encontramos mais forte a figura da mulher no trabalho fora de casa, por este motivo que foi necessário e de grande importância uma breve caminhada pelos modos de produção, suas formas e pontos relevantes para a chegada da mulher nas indústrias de uma forma mais presente e “igualitária”.

Aqui inicia a caminhada deste longo percurso e desafios que a mulher tem enfrentado para permanecer dentro do mercado de trabalho. No próximo capítulo iremos adentrar como estas transformações trouxeram a luz a figura mulher em um ambiente antes masculino e patriarcal para um ambiente que por necessidade de urgência se desfez mesmo que por um instante das desigualdades de gênero para assegurar as transformações econômicas de seu tempo.

2.2 DESENVOLVIMENTO SOCIAL, POLÍTICO E ECONÔMICO DA MULHER

Neste dado estudo a igualdade de gênero é entendida como uma necessidade imprescindível para o amadurecimento de uma sociedade justa e igualitária, visto que, as

mulheres vêm provando capacidades muito além das ocupações domésticas e da criação dos filhos.

No entanto, nem sempre as mulheres conseguiram preencher o espaço no mercado de trabalho e ser assegurado pelos seus direitos, como no presente, por essa razão, é dada à importância de abordar questões relacionadas à evolução do reconhecimento do papel da mulher na sociedade.

2.2.1 Luta pela igualdade de gênero no acesso aos direitos

Considera-se que a igualdade de gênero ainda não se fez plena, mas é fruto de muita luta. Em concordância com Garcia (2013, p. 01) *apud* Martins *et al* (2017, p. 19):

Historicamente, a mulher ficou subordinada ao poder masculino, tendo basicamente a função de procriação, de manutenção do lar e de educação dos filhos, numa época em que o valor era a força física. Com o passar do tempo, porém, foram sendo criados e produzidos instrumentos que dispensaram a necessidade da força física, mas ainda assim a mulher ficou numa posição de inferioridade, sempre destinada a ser um apêndice do homem, jamais seu semelhante.

Portanto, conforme o autor, desde os primórdios dos tempos as mulheres não exerciam atribuição na sociedade a não ser pelo papel de genitoras e encarregadas dos cuidados da casa. Seu mérito se restringia na competência de ter um bom casamento e de conceber filhos saudáveis, e, era subjugada ao pai enquanto era solteira e ao marido depois de casada.

Costa e Androsio (2010, p. 03) realizam comparação à dada indagação ao dizerem que:

Na sociedade medieval as famílias viviam em casas grandes onde recebiam os amigos e parentes, sem separar o profissionalismo da vida privada e social. Nesta época pregava-se que o homem e a mulher não podiam viver separados um do outro e que a família medieval tinha o papel de conservar os bens e, principalmente, o dever de proteger a honra e a vida. No período colonial, até meados do século XIX, ainda que as famílias vivessem em grandes fazendas rodeadas dos filhos e escravos, a maior parte da alimentação era produzida na própria fazenda e, quando a criança alcançava algum tipo de autonomia, logo era misturada aos adultos para trabalhar. Portanto, as famílias tinham em suas casas um senhor, que tinha o papel de chefe da família, pai, marido e comandante da tropa, e o restante da família o respeitava e seguia suas regras e normas.

Até mesmo em citações bíblicas é possível identificar que as mulheres eram vistas como propriedades. Em um agrupamento de pessoas, a título de exemplo, era contabilizado os homens e as mulheres não eram consideradas, como aponta Souza *et al.*, (2012, p. 03):

Nas sociedades agrícolas antes de Cristo, as mulheres eram incumbidas de gerar filhos, cuidar deles e fazer pequenos trabalhos com animais ou plantações. Esse contexto continuou até o início do capitalismo, quando as fábricas começaram a admitir mulheres por serem uma força de trabalho mais barata – ainda mais em tempos de crise. Hoje, as mulheres geram filhos, cuidam deles e do lar, trabalham fora de casa, pagam contas, votam, ganham

salários e continuam sendo discriminadas. No mundo do trabalho e da participação política, arranjar uma brecha para dar opinião ou garantir um salário melhor nunca foi fácil, muito menos para as mulheres que eram vistas como servas do lar e da procriação.

Adiante das metamorfoses procedentes do desenvolvimento humano e social, o agrupamento familiar igualmente sofreu influência do pensamento político, religioso e econômico no momento do qual a sociedade estava encaixada. Desde o princípio, levando em conta à subordinação do homem à natureza, a associação do homem e da mulher inserido no núcleo familiar se baseava na subsistência e na geração de filhos. Não existia a consideração a cerca dos laços afetivos. As famílias eram predominantemente patriarcais.

No ponto de vista cristã, a família era visualizada como um lugar de superioridade do homem sobre a mulher e os filhos, de acordo com Gonçalves (2010, p. 31) “Instala-se no direito romano a concepção cristã da família, na qual predominam as preocupações de ordem moral. Aos poucos foi então a família romana evoluindo no sentido de se restringir progressivamente a autoridade do pater.”

Por volta dos séculos XIV a XVI, transformações no contexto social e no meio econômico, crise do feudalismo e o desenvolvimento mercantil forçaram a sociedade a mudar seu modo de vida como vimos no capítulo 1. Entretanto, ocorreu um fortalecimento do poder patriarcal¹, permanecendo ainda mulher e filhos sujeitos ao patriarca, como observamos em Pereira (2002, p. 16 e 17) declara:

O pater era, ao mesmo tempo, chefe político, sacerdote e juiz. Comandava, oficiava o culto dos deuses domésticos (penates) e distribuía justiça. Exercia sobre os filhos direito de vida e de morte (*ius vitae ac necis*), podia impor lhes pena corporal, vendê-los tirar-lhe a vida.

Com a evolução da industrialização a referência do modelo familiar medieval começa a se desfazer, quando as mulheres e crianças começam a trabalhar em fábricas para auxiliar ou ate mesmo suprir a sobrevivência da família, transfazendo a hierarquia familiar e assim fortalecendo o aparecimento dos ideais de igualdade de direitos.

Gaspari (2003) assegura que no século XVII, adequando às oportunidades estabelecidas de comparecer a salões, sarais e eventos onde estavam intelectuais, as mulheres foram buscando e idealizando espaço nos discursos e manifestações, empenhadas a demonstrar que a beleza da mulher seria capaz de ser aliar à razão, e conseqüentemente por frequentarem estes ambientes

¹ Patriarcado dia respeito ao sistema social em que os homens detêm o poder primário e estão à frente de posições de privilégio, tomando decisões políticas, econômicas, sociais como também de autoridade moral. No domínio familiar o pai ou o esposo é quem é autoridade sobre mulheres e crianças.

procuraram maior conhecimento intelectual através de livros e poemas que lhe estavam à mão. Rodrigues (2014, p. 04) mostra essa desigualdade entre os gêneros, quando declara:

Para tentar, talvez, isentar-se da responsabilidade de ter sido autora da desigualdade social e política, na sociedade, implantou-se uma visão cultural de que a mulher é inferior ao homem e não pela educação que lhe foi negada. Essa mesma visão não igualitária entre os sexos, que preconiza o masculino com base em preconceitos e estereótipos, provavelmente foi a responsável pela consolidação de uma sociedade machista nos séculos XIX e XX. Ao analisarmos as ideias dos filósofos mencionados, fica evidente que no “período das luzes”, uma característica marcante foi a de pensar a diferença feminina, acentuada pela inferioridade, baseada no direito natural. No imaginário dos filósofos, não havia necessidade alguma de conferir à mulher um estatuto político, pois para a ideologia do século XVIII, o homem era a causa final da mulher.

No entanto, no século XIX surge um discurso mais favorável ao seu papel. Ocorreram diversas manifestações sobre a discriminação que se fazia contra a mulher, e em países da Europa já se falava no direito ao voto. Ainda assim muitos eram os desafios que surgiriam no caminho.

E assim foi por muito tempo, porém as mudanças econômicas, políticas e sociais influenciaram o quadro em que a mulher outrora se encontrava, fazendo com que elas enxergassem as desigualdades e desvantagens que sofriam e a partir dessa visão de si reivindicar seu lugar e seus direitos, como apontas as autoras Hirata e Kergoat:

Foi com a tomada de consciência de uma “opressão” específica que teve início o movimento das mulheres: torna-se então coletivamente “evidente” que uma enorme massa de trabalho é efetuada gratuitamente pelas mulheres, que esse trabalho é invisível, que é realizado não para elas mesmas, mas para outros, e sempre em nome da natureza, do amor e do dever materno. (HIRATA, KERGOAT, 2007, p. 597)

A percepção que a mulher tomou, de como eram impostos papéis para elas de maneira que favorecesse sempre outrem, deu ponta pé inicial para lutas contra tais condições enraizadas na história. Foi por meio de muita luta que nasce os movimentos das mulheres e o movimento feminista para mostrar que as questões baseadas na biologia e natureza humana sobre as diferenças de sexo eram quem estruturavam as condições sociais da vida de homens e mulheres.

Foi preciso a mobilização dos movimentos feministas e de mulheres no final dos anos 1960 e início dos 1970 para se explicitar que a condição de sexo é fator estruturante dos processos de percepção, ação e explicação da realidade social, bem como da identidade social e da discriminação inter e intragrupos. (KÜCHEMANN, BANDEIRA, ALMEIDA, 2015, p. 66)

Se antes a mulher e o homem tinham papéis a serem seguidos na sociedade, como modos de se portar e se vestir, por serem de sexo opostos, ou seja, baseadas no fator biológico e na condição natural, um ponto importante é ressaltar que isso muda quando as ciências sociais trás

a luz uma nova visão sobre a temática, como aponta Küchemann, Bandeira, Almeida, (2015, p. 64):

Com o advento das ciências sociais, a ideia sobre o ser humano deixou de centrar-se na noção de indivíduo determinado pela biologia passando à noção do ser humano constituído pela posição que ocupa em um quadro de relações sociais estabelecidas com base na cultura e na história.

A emergência em que as mulheres se encontravam para terem um olhar voltado para suas questões foi o que deu espaço para o conceito de gênero aflorar de maneira que conseguisse analisar a história da mulher de forma científica e embasada, tratando das diferenças entre homem e mulheres por meio da cultura e contexto histórico e das imposições sociais que por esta foram estabelecidas a ambos.

O peso da história das relações entre homens e mulheres, das construções que definem o masculino e o feminino e a maneira como elas interferem na vida cotidiana e na organização social são algumas das razões que conferem ao gênero um estatuto empírico e analítico que ultrapassa os quadros dos modelos estabelecidos e as fronteiras disciplinares. (KÜCHEMANN, BANDEIRA, ALMEIDA, 2015, p. 66)

O conceito de gênero se estabelece para tratar além de questões femininas, questões relacionadas a raça e classe Miranda, Schimanski (2014, p. 68) “Do latim *genus*, o termo gênero significa raça, extração, família. Contudo, ele foi inicialmente usado pelas feministas americanas no intuito de mostrar o caráter social das distinções baseadas no sexo.” Apontando as desigualdades e os fatores que as asseguram, como observamos nas referidas autoras:

O interesse por gênero, classe e raça, enquanto categoria de análise, demonstra o compromisso de pesquisadoras e pesquisadores com a inclusão da voz dos sujeitos excluídos, assinalando que as desigualdades de poder se estabelecem no mínimo a partir desses três eixos principais: gênero, classe e raça. (MIRANDA, SCHIMANSKI, 2014, p. 67)

A fim de compreendermos o momento em que esse novo quadro ocorre é imprescindível que tratemos sobre gênero e suas desigualdades, sem antes entender o contexto espaço e tempo que ele surge, pois as modificações econômicas, sociais, políticas onde surgem também novos questionamentos e visão de mundo são os alicerces deste discurso. Porém sobre gênero extenso é o estudo, que não competiria aqui abordar suas demais noções.

Tudo começa então a criar raízes nos anos 1990 com advento de ideias neoliberais que via a necessidade da flexibilização do mercado, a privatização de serviços públicos e que proponha a participação mínima do Estado na obrigação de cuidar de questões relacionadas ao mercado e a economia. Tais ideais neoliberais seriam acordadas posteriormente com a chegada da globalização e o advento da crise econômica mundial, crise do trabalho e em destaque a crise social, como destaca Hirata (2011, p. 13):

Essa crise social aprofundou as consequências negativas de uma série de fenômenos de cunho neoliberal observados desde o início dos anos noventa, como as privatizações, a diminuição da proteção social, a redução de todos os serviços públicos. Ela tem, assim, raízes em processos iniciados desde meados dos anos oitenta e marcados por um novo contexto mundial de globalização e de financeirização da economia. Assim, não podemos considerar a crise econômica e o seu impacto sem tratar da questão do desenvolvimento do processo de globalização, na medida em que essa crise se desenvolveu no contexto de circulação acelerada do capital financeiro em âmbito mundial.

O processo de globalização como novo aparato de acumulação capitalista, cresce em meio á este caos e acentua ainda mais este quadro, pois a globalização possibilitou ao capitalismo espaços e tempos não possíveis antes, o avanço e a rapidez de venda e troca, de variedades de produtos, rompendo as fronteiras mundiais entre outras questões como podemos analisar.

Os economistas críticos têm em comum na sua definição do fenômeno a idéia da ruptura de limites e fronteiras: “interdependência crescente de todos os mercados nacionais em vistas à constituição de um mercado mundial unificado”³; “processo que conduz um número sempre maior de agentes econômicos a situar seus projetos e a realizar suas operações numa perspectiva e numa escala mundial”. (HIRATA, 2001, p. 142)

Com advento das mudanças nos modos de produção apontados no capítulo primeiro e com estas modificações lá ocorridas, o fenômeno da Revolução Industrial e as duas primeiras grandes guerras mundiais que são temas abordados a seguir, a mulher já chega às fábricas de maneira precária e discriminada, mas isso se acentua ainda mais no processo de globalização, por isso este destaque se faz necessário.

Agora a mulher já estava inserida, ao mercado de trabalho, mas cada dia mais prejudicadas, pois mesmo sendo um número maior no que diz respeito a suas ocupações suas condições em termos de direitos, proteção eram menores ou quase nenhuma e a exploração maior com relação aos homens.

Isso se deve pela desigualdade de gênero existente na sociedade e construída historicamente que se manifesta no trabalho assim como em todos os campos da vida humana e que dá origem a divisão sexual do trabalho. Sobre o termo, ele surge também com o movimento feminista de maneira mais forte, como assegura Hirata e Kergoat (2007, p. 597)

Embora a divisão sexual do trabalho tenha sido objeto de trabalhos precursores em diversos países, foi na França, no início dos anos 1970, sob o impulso do movimento feminista, que surgiu uma onda de trabalhos que rapidamente assentariam as bases teóricas desse conceito.

Mas a divisão sexual do trabalho não se dava apenas nas fábricas e indústrias, nem em cargos executivos, mas também no trabalho doméstico e familiar das mulheres que agora

tinham uma jornada de trabalho dupla, ou melhor, a configuração da mulher como dona do lar e cuidadora, permaneceu mesmo com as mudanças ocorridas na esfera do trabalho industrial e com a nova configuração social.

A luta para que o trabalho doméstico passasse a ser visto como um trabalho de fato sendo reconhecido e não apenas uma obrigação única e exclusiva da “natureza” feminina como era vista, deu a ele condição de “Pouco a pouco, as análises passaram a abordar o trabalho doméstico como atividade de trabalho tanto quanto o trabalho profissional.” (HIRATA, KERGOAT, 2007, p.597).

Além de transformar formas de pensar o trabalho como um todo e suas influências nas condições de vida de homens e mulheres, abriu novas concepções do mundo e da família por meio da divisão sexual e do trabalho, e novas pesquisas e estudos analíticos da história e das raízes que norteiam esse campo, apontado pelas autoras:

Essas reflexões levaram a um questionamento radical da sociologia da família e do paradigma funcionalista que lhe servia de base. No que se refere à sociologia do trabalho, elas permitiram retomar noções e conceitos como de qualificação, produtividade, mobilidade social e, mais recentemente, de competência, e abriram novos campos de pesquisa: relação de serviço e, hoje, trabalhos de cuidado pessoal, mixidade no trabalho, acesso das mulheres às profissões executivas de nível superior, temporalidades sexuadas, vínculos entre políticas de emprego e políticas para família etc. (HIRATA, KERGOAT, 2007, p. 598)

Apesar de ser um fato as questões citadas e a chegada da mulher em áreas antes ocupadas apenas pelo homem, não existe ainda a igualdade de fato, pois as raízes infelizmente estão firmes e por mais que muita conquista tenha sido alcançada, muito falta ainda, o patriarcado domina todas as áreas e campos da vida da mulher, dificultando sua chegada e permanência além da vida doméstica além de reforçar o lugar onde estas devem trabalhar, quais cursos devem se dedicar, delimitando seus espaços como aponta Hirata:

A atividade feminina continua concentrada em setores como serviços pessoais, saúde e educação. Contudo, a tendência a uma diversificação das funções mostra hoje um quadro de bipolarização: num extremo, profissionais altamente qualificadas, com salários relativamente bons no conjunto da mão-de-obra feminina (engenheiras, arquitetas, médicas, professoras, gerentes, advogadas, magistradas, juizas, etc.), e, no outro extremo, trabalhadoras ditas de “baixa qualificação”, com baixos salários e tarefas sem reconhecimento nem valorização social. (HIRATA, 2001, p. 148)

A autora aponta que as mudanças chegadas com a globalização abriram sim espaços para a mulher, mas em maior parte em áreas já feminizadas, como o crescimento de trabalho de cuidadoras, empregadas domésticas ou profissões relacionadas principalmente para mulheres pobres, negras e migrantes, por outro lado as mulheres que conseguem alcançar cargos executivos só podem exercê-los por meio desse primeiro grupo, este evento é chamado pela

autora de bipolaridade do trabalho que cria esses dois grupos de mulheres, de um lado majoritariamente mulheres com salários e condições de empregos precário e do outro minoritariamente executivas bem sucedidas com oportunidade de promoção e cargo.

Mesmo a mulher estando preparada para qualquer trabalho, estudando, se especializando, trabalhando no mesmo cargo que o homem elas recebem menos em questão de salários, a maioria delas não são levadas a sério, não tem seu trabalho e esforço reconhecidos. O que ocorre é que, a chegada da mulher de forma atropelada pela globalização e as consequências que ela trazia e dos acontecimentos citados a pouco, a base das conquistas femininas foram alicerçadas em situações precárias e mal resolvidas, que ao passo que aumentava a presença da mulher no mercado de trabalho as questões de precariedade e falta de direitos, exploração e dominação sobre elas cresciam juntamente.

2.2.2 A mulher no mercado de trabalho

Como foi apontada nos capítulos anteriores, a mulher não desempenhava papéis de prestígio e trabalho fora do lar, à importância do contexto histórico que levou as modificações no campo econômico, cultural e social deu como vimos espaço para a mulher ser vista além da dona de casa. A Revolução Industrial, além de uma transição econômica foi uma das principais portas de entrada para a mulher nesse mundo masculinizado.

A Revolução Industrial começou a modificar lentamente esse quadro. O número de mulheres empregadas aumentou significativamente, trouxe a mulher para trabalho fabril quando o aumento da produtividade era necessário, apesar disso tanto a jornada de trabalho quanto os salários eram muito desiguais. (AMORIM, BATISTA, p. 3 2017)

A mulher já começa sua jornada no mercado de trabalho com desigualdade e discriminação, pois estas eram vistas inferiores aos homens, mais fáceis de manipular por serem consideradas mais sensíveis, fracas, pois não tinham a mesma força braçal do homem, nem voz e espaço para se impor.

Rodrigues *et.al* (2015, p. 04) ao citar Perrot nos trás a luz a ideia frágil e “incapaz” da mulher:

Para Perrot (2005), as operárias eram consideradas como “dóceis” pelos patrões, fáceis de manipular, acostumadas a obedecer. Essa visão era reforçada pela fraca organização sindical feminina. As tentativas de greve organizadas pelas operárias tinham pouca adesão feminina e quase nenhuma masculina, sendo rapidamente dispersadas.

A mulher não era levada a sério, pois era usada apenas como escape para as grandes exigências econômicas que estavam ocorrendo naquele momento, não tinham nenhum apoio

para lutarem, além disso, eram usadas questões biológicas para desqualificá-las, como também contribuíram pra isso, a construção histórica/cultural do papel que a mulher deveria exercer na sociedade.

Outro acontecimento histórico que impulsionou a entrada da mulher no mercado de trabalho foram as duas guerras mundiais, pois a sua proporção e impacto foi tão grande, que a maiorias dos homens foram obrigados a lutar, sendo assim, a provedora do lar, nesse dado momento passou a ser a mulher.

Um forte impulsionador da entrada da mulher no mercado de trabalho deu-se no século XX com as 1ª e 2ª Guerras Mundiais (1914 – 1918 e 1939 – 1945, respectivamente). A ausência dos homens enviados para combate e posteriormente a quantidade de homens mortos durante o conflito tornou imprescindível a contratação de mulheres para funções que antes eram exclusivamente masculinas. . (AMORIM, BATISTA, p. 3 2017)

Fatos como estes deram lugar para a mulher além das obrigações domésticas, mas também lhes proporcionaram forte relação com o mundo patriarcal, pois através dessa mudança radical a mulher sentiu e sente de forma agressiva a necessidade da sociedade em manter um padrão de desigualdade de gênero entre homens e mulheres.

Como dito acima, a chegada da mulher nas fábricas já começa com a desigualdade sendo o primeiro pilar nas lutas que estas iriam travar para prosseguir seu caminho de mulher trabalhadora, respeitada, com direitos e salários iguais, e foram tais percursos que as levaram a buscar seus direitos, dando início aos sindicatos e lutas feministas.

Assim a mulher cresce e se faz presente cada vez mais nas fábricas do mundo á fora, sua chegada foi predominante em todas as esferas e lugares e que as tecnologias e mudanças estavam ocorrendo, certo que em alguns lugares mais rápido e mais eficiente do que em outros, como é o caso do Brasil.

No Brasil, a industrialização começou na segunda metade do século XIX, com a instalação de fábricas têxteis e também as de gêneros alimentícios. Em 1889 eram pouco mais de 600 fábricas instaladas, empregando aproximadamente 54.000 operários. (RODRIGES *et.al* 2015, p. 03)

A mulher foi ocupando seu lugar, sua presença era cada vez mais notada e crescia cada passo que davam lutando e reivindicando seus direitos, as mulheres se agarraram as oportunidades que surgiam a cada mudança que ocorria e não a soltaram até os dias atuais, e foi esta única brecha que as colocaram e trouxeram para a contemporaneidade como donas de si e de suas escolhas.

Rodrigues (2015, p. 06) *apud* Rango (1997, p. 581-582) comprova a crescente colaboração da mulher nas fábricas têxtil:

Em 1894 a participação de mão de obra feminina na indústria têxtil na cidade de São Paulo representava 67,62% do total de operários, e no levantamento do ano de 1901 totalizavam 49,95%, sem contar as crianças operárias do sexo feminino. A participação feminina na indústria têxtil continuou a crescer após a Primeira Guerra Mundial. No ano de 1920, foi recenseado um total de 247 indústrias que trabalhavam com gêneros têxteis, 34.825 operários [14.352 (41,21%) eram homens e 17.747 (50,96%) eram mulheres] (RANGO, 1997).

É certo que a mulher lutou grandes empreitadas para permaneci de sua vida ativa no meio do trabalho, há vários estudos que mostram o crescente número e avança das mulheres nas fábricas, falaremos mais sobre estes impasses e empecilhos encontrados no decorrer da caminhada feminina ao longo do trabalho, ao abordamos o conceito de empreendedorismo feminino.

3 EMPREENDEDORISMO

Nesse capítulo veremos um pouco á cerca do conceito empreendedorismo, como e quando surgiu, suas contribuições econômicas e sociais, a importância deste fenômeno na vida das mulheres desde a sua entrada no mercado de trabalho até dias atuais.

Aiache (2021, p.14) ressalta que “Atribui-se a Marco Polo, um primeiro exemplo de empreendedorismo, uma vez que ele tentou estabelecer uma rota comercial entre o ocidente e o oriente, então desconhecida.”

O autor aborda esse primeiro sinal empreendedor nessa troca inicial de Marco Polo e acrescenta, “Marco Polo assinou um contrato com um rico comerciante, segundo o qual ele venderia suas mercadorias através dessa rota. Nesse caso, o comerciante arcaria com o risco financeiro e Marco Polo com os riscos físicos e emocionais das empreitadas.” Aiache (2021, p. 14).

Em meados do século XVI há relatos de que o termo também era utilizado para era designar as expedições militares com significado de assumir empreitadas que exigiam esforços e muito empenho, como também definia o trabalho de capitão que contrata soldados mercenários para servir ao rei.

Contudo o termo passou a ser empregado com mais evidência, conforme se davam as mudanças, sociais, históricas e principalmente econômicas, com a chegada da Revolução Industrial e suas consequências, com isso Tometich (2020, p. 04) revela que “As primeiras referências ao empreendedorismo são atribuídas a Richard Cantillon, fisiocrata franco-irlandês do século XVII, no texto *“Essai sur la nature du commerce em general”*”.

O termo originou-se na França posteriormente com os estudos e avanço na área econômica, sofreu variações e originou o termo em inglês como podemos ver em Santos e Oderich (2021, p. 43):

A palavra empreendedor é derivada da palavra francesa *entrepreneur*, que mais tarde originou o termo em inglês *entrepreneurship* e foi primeiramente registrada pelo economista irlandês Richard Cantillon, no ano de 1755, para designar o “indivíduo que assumia riscos”.

É certo que a conceptualização do que vem a ser empreendedorismo, ainda é ampla e discutida até a atualidade, pois este conceito é debatido em diferentes áreas e tem em cada uma delas um ou mais significado. Na contemporaneidade as transformações econômicas e sociais que ocorreram, foi quem trouxeram o empreendedorismo para o campo economia como forma de compreender as mudanças presentes deste tempo, ele surge quando:

O empreendedorismo, como conceito moderno, surgiu no século XVIII, com o início da industrialização que ocorreu por todo o mundo em virtude da Primeira Revolução Industrial. Com a mudança no sistema econômico os empreendedores passaram a se distinguir dos fornecedores de capital, os capitalistas. (SANTOS, ODERICH, 2021, págs. 42,43)

Richard Cantillon, (1950, p. 43) foi quem trouxe para o campo da economia o empreendedorismo, a teoria de referido autor, ver o empreendedorismo dividido em duas classes, que seriam empresários e trabalhadores, em sua teoria a incerteza era um dos pontos-chaves do ser empreendedor, ou melhor, do empresário, pois Cantillon acreditava que, os empresários se arriscavam negociando sem nenhuma garantia nem previsão sobre lucro, preço e demanda. (AIACHE, 2021, p. 16)

O autor também deu sua definição acerca do que é ser empreendedor, “Richard Cantillon, foi o primeiro a definir as funções do Empreendedor, dizia que era quem comprava matéria-prima, com seu próprio capital, para depois processá-las e revendê-las, por preço a ser definido, auferindo lucro.” (AIACHE, 2021, p. 16)

Outro nome pioneiro, que tratou sobre a temática no século XVIII foi Jean-Baptiste Say que tinha uma visão diferente de Cantillon, como demonstra Tometich (2020, p.04) “A demanda crescente que Say considera em sua análise do empreendedor parece ter dado ao estudioso a impressão de que, ao contrário do que postulava Cantillon, a atividade empreendedora não envolveria riscos.”

Say via o empreendedorismo como solução para as demandas do mercado, onde o empresário trabalhava com a certeza no aumento e melhoria de seu lucro e empresa, conseguindo assim equilibrar a economia, para ele o empreendedor é responsável à funcionalidade da empresa, lidando com o valor dos salários, lucros, fatores de produção, aluguel, como aponta Aiache (2021, p. 16) “Século XVIII, Jean-Baptiste Say, define o Empreendedor como alguém que inova e é agente de mudanças. Ele cria novas empresas e dedica-se a seu gerenciamento”.

Tais autores são de grande relevância para o tema abordado nesse capítulo, pois além de pioneiros da temática Say é considerado o pai do empreendedorismo como aponta Faria e Silva (2006, p. 02 e 03):

Pioneiros, Richard Cantillon e Jean-Baptiste Say influenciaram toda a teoria sobre o empreendedor que dispomos nos dias de hoje. Suas idéias são ponto de partida obrigatório no início do estudo desse vasto campo. Como Say foi o primeiro estabelecer os alicerces desse campo de estudo, ele é descrito como o “pai do empreendedorismo” (FILION, 1988).

A definição e os estudos a cerca do termo empreendedorismo é encontrado em diversos campos, tais eles como, economia, psicologia, ciências sociais, engenharia de produção e no

senso comum, não diferente disto também encontrasse uma diversidade de autores tratando até atualidade sobre tal conceito. Entre eles um dos nomes que ganhou destaque na contemporaneidade, é o do autor Joseph Alois Schumpeter.

Ele retoma o termo, associando-o à inovação para explicar o desenvolvimento econômico. Para Schumpeter, o desenvolvimento econômico inicia-se a partir de *inovações*, ou seja, por meio da introdução de novos recursos ou pela combinação diferenciada dos recursos produtivos já existentes. (LEITE, MELO, págs. 36, 37. 2008)

Como visto, Schumpeter retoma o termo no cenário econômico, o autor destaca que o empreendedor é alguém com olhar diferente dos demais, pois ele percebe e transforma o produto e oportunidades ao seu favor, para assim gerar lucro e alcançar a demanda do mercado como aborda Tometich (2020, p. 05): “A identificação de oportunidades e a descoberta de novidades capazes de gerar vantagens econômicas seria, para o autor, uma parte dessa função e, para o alcance das vantagens seria necessário um comportamento incomum.”

Tal autor se baseia na teoria de que o empresário tem que ter um olhar inovador, para poder transformar o que já lhe é existente em algo novo. Leite e Melo (2008, p. 37) “Para Schumpeter, o desenvolvimento econômico inicia-se a partir de *inovações*, ou seja, por meio da introdução de novos recursos ou pela combinação diferenciada dos recursos produtivos já existentes.”

Esse olhar trata sobre empresários e empresas já estabelecidas, analisando o autor as atividades empresariais destas. Nesse primeiro momento Schumpeter ver como responsável pelas mudanças econômicas o indivíduo, ou seja, o empresário, anos depois o autor modifica a teoria e trás um olhar sobre a empresa capitalista e sua organização empresarial como fator central.

Além de Schumpeter, outros nomes e teorias que tratam do tema como dito acima, cada autor tem seu olhar, sendo então a definição sobre empreendedorismo é ampla, desses três autores é possível ver que eles se complementam e o que se entende hoje de empreendedorismo está de acordo com o que eles trataram, percebeu-se que empreender não pode ser definido por uma das teorias penas, mas pelo conjunto delas.

Entre os demais debates acerca do conceito de empreendedorismo, podemos destacar nomes como David McClelland e Max Weber que abordaram a perspectiva do empreendedorismo comportamentalista, que ficou conhecida como a segunda linha teórica sobre o tema, sendo a primeira a teoria econômica dos três primeiros teóricos citados nesse capítulo.

A Linha Comportamental trás a luz a figura do empreendedor e se impõe a Linha Econômica como salienta Leite e Melo (2008, p. 37):

A partir da perspectiva comportamentalista, é nas características do *entrepreneurship*, ou seja, no tipo de comportamento, que se identifica quem é o *entrepreneur*. Aqui, o termo não é traduzido por “empresário”, mas por “empreendedor” e este é entendido mais por seus atributos psicológicos do que por sua ação econômica; esta, na verdade, seria consequência daqueles.

Nela também vemos autores que não são do campo econômico, ou seja, teóricos em diferentes áreas e esferas, Aiache (2021) assegura:

Linha defendida por profissionais ligados à Administração, mas com formação nas áreas de Psicologia, Psicanálise, Sociologia, Antropologia, entre outros, segundo a qual é preciso ampliar o conhecimento sobre a motivação e o comportamento humano, a fim de identificar e analisar o perfil do empreendedor.

Baseado no comportamento do indivíduo empreendedor, quais motivações e reações, maneiras de agir para solucionar problemas e demandas tendo o sistema de valor como característica principal da linha comportamental, trazendo a visão de Max acerca disto, Aiache (2021, p. 18) salienta “Max Weber, identificou o sistema de valores como um elemento fundamental para a explicação do comportamento empreendedor.” E completa que: “Os Empreendedores eram visto como inovadores, pessoas independentes cujo papel de liderança nos negócios lhes atribuía uma fonte de autoridade formal.” Aiache (2021, p. 18).

Sobre o olhar acerca da teoria de McClelland, Leite e Melo (2008, p. 37) salienta que o autor, destaca que a motivação é quem vai mover o empreendedor para traçar suas rotas e alcançar seus objetivos, sendo assim sua característica primeira. Leite e Melo (2008, p. 37) destaca também que o autor também foi o pioneiro na criação do método que: “Já David McClelland, psicólogo, é o primeiro a elaborar um método para medir a intensidade da motivação.”

O autor trabalha a sua teoria, analisando aspectos psicológicos e comportamentais, como aponta Aiache (2021, p. 19) “McClelland aborda o Empreendedor a partir de uma perspectiva comportamental evidenciando suas características psicológicas, permitindo traçar um Perfil do Empreendedor.”

Em suas pesquisas e testes, ele aponta que a motivação do indivíduo empreendedor se diferencia pela necessidade de realização. Aiache (2021, p. 19) “Tal perfil caracteriza o Empreendedor como autônomo e dotado de iniciativa, com intuição e amor pelo seu trabalho, estando continuamente em busca de realização profissional e pessoal.”

Em concordância, Leite e Melo (2008, p. 37) citando Souza Neto (2003, p. 115) refere:

Segundo Souza Neto, “em suma, McClelland descreveu o empreendedor, fundamentalmente por sua estrutura motivacional. E ele corroborou, tal suposição, por muitas pesquisas e experimentos que utilizaram um teste de avaliação motivacional – o TAT (*Thematic Aperception Test*) – além de testes de resolução de problemas e, nesses trabalhos, o indivíduo empreendedor se mostrou com uma estrutura motivacional diferenciada pela presença marcante de uma necessidade específica: a necessidade de realização. Para ele, a necessidade de realização – ‘achieving’- era a ‘força motriz da ação empreendedora.”

É sabido que a motivação é quem vai dá o suporte para a realização do indivíduo cheio de necessidade de realização, seja por qual for o motivo desta ultima, ou seja, um trabalhando em conjunto do outro. O autor aponta três necessidades básicas do ser humano, onde a motivação é primordial, sendo elas: Necessidade de Realização; Necessidade de Aflição; Necessidade de Poder; A partir disto, McClelland discorre sobre essas três vertentes e dentro de cada uma, aponta seus indicadores comportamentais que não serão aqui detalhadamente expressadas, pois demandaria um trabalho além do necessário.

Além desses autores como já salientado, existem muitos outros clássicos de suma importância que trata sobre a temática do empreendedorismo e que são sempre citados no estudo deste, mas que como dito sairia da proposta inicial deste trabalho apontar todos estes nesse momento.

3.1 UMA CRÍTICA AO EMPREENDEDORISMO NO CONTEXTO NEOLIBERAL

Apesar de não discorrer os inúmeros conceitos, teorias e autores que tratam sobre empreendedorismo, há um contraponto que merece ser destacado aqui para que não seja confundido como uma solução aos problemas abordados neste trabalho.

Foram destacados os clássicos e pioneiros do empreendedorismo, mas a ideia de empreender tem se tornado de maneira popular uma solução, “A construção da ideia de empreendedorismo como saída individual ou pessoal para os tempos de crise não se instala da noite para o dia, é um processo longo, contínuo e em curso.” Tometich (2020, p. 16).

Mas esse olhar a cerca do ser empreendedor não surgiu apenas entre trabalhadores por conta própria, mas sim em raízes neoliberais como refere Tometich (2020, p. 15) “A adequação aos “novos tempos” expressa as mais recentes modificações no mundo do trabalho: os tempos do trabalho flexível promovidos pelo contexto neoliberal.”

O empreendedorismo foi colocado pelos neoliberais, como uma solução econômica para os problemas de mercado, eram eles: o desemprego em massa que ocorria em tempos de crise, transformações no campo do trabalho, mudança política, econômica, social, exploração, exclusão, precariedade informalidade do trabalho e a falta de direito das da classe trabalhadora,

para cada problema foi criado um empreendedorismo diferente, dando-lhe o nome de empreendedorismo social.

Porém o que é analisado nesse tipo de vertente do conceito, a necessidade do capitalismo em manter o sistema aumentaram as taxas de desemprego e conseqüentemente da pobreza, e o ideário neoliberal apoia o trabalho informal com a falácia de autonomia dos indivíduos de maneira que coloca a responsabilidade da falta de emprego e do fracasso da vida e condições econômicas a cada um que não se dedique e tenha capacidade e esforço para abrir seu próprio negócio e ter sucesso, fazendo com que as classes prejudicadas acreditem que, resta apenas às elas nesse cenário, empreender para sobreviver como podemos ver abaixo.

Em outras palavras, a difusão do “empreendedorismo” na atualidade tem a ver, de um lado, com o aumento da pobreza e da procura acentuada de alternativas de sobrevivência da população, no quadro de baixa oferta de empregos, e, de outro lado, com uma busca desenfreada do capital para não pagar mais os direitos trabalhistas[...] (LEITE, LINDÔNO, 2021, p. 793)

Ao tomar cargo de todas as responsabilidades e aceitar tais condições mesmo que sem enxergarem o capital não precisa disponibilizar segurança nem direitos aos grupos e indivíduos desempregados e prejudicados, tendo assim um esforço máximo destas pessoas em mão de obra ao dedicar-se dia e noite para serem empreendedores de sucesso, além da ilusão ao manipular a realidade e fazer com que a esses indivíduos vejam um mundo por uma ótica deturpada.

A força de trabalho, no entanto, continua sendo força de trabalho, e aquele que a detém, mesmo que pareça ser o resiliente proprietário de um empreendimento, ainda que seja percebido como “livre”, depende da venda de seu trabalho, ou mesmo do produto de seu trabalho, para garantir a sua sobrevivência. Nesse contexto, esses pequenos proprietários de negócios se submetem a jornadas de trabalho longas e intensas, acreditando estar assim agindo para satisfazer a si próprios. (TOMETICH, 2020, p. 15, 16)

Ao buscar reverter à pobreza em que vivem e superar os problemas de desemprego, a baixa formação e especialidade para conseguirem se manter no mercado de trabalho por meio do emprego formal, é que o empreendedorismo cresce cada vez mais aponta Leite e Lindôno (2021, p. 794)

É a essa realidade, muito mais do que a qualquer espírito “empreendedor” da população, que se deve o grande aumento do trabalho por conta própria, assim como a ressignificação e glamourização de formas inventivas de viver de populações periféricas.

O Neoliberalismo usa esta visão para colocar o empreendedorismo apenas como solução de todos os problemas, como se ele criasse a salvação para cada grupo excluído social e economicamente, porém é justamente o neoliberalismo atuando na nova versão capitalista que provoca a necessidade e busca de soluções desses grupos em trabalho por conta própria, para

as autoras o empreendedorismo na visão neoliberal não tem efeitos positivos, como confirmamos logo abaixo.

Dessa forma, o “empreendedorismo” é entendido aqui como uma ideologia que ataca os direitos do trabalho, ao mesmo tempo em que se alinha à visão celebrativa, que objetiva ressignificar e glamourizar o trabalho por conta própria, típico dos países da periferia. (LEITE, LINDÓNO, 2021,p. 794)

É necessário o cuidado com essa ideia de empreendedorismo salvador que tem sido disseminado cada vez mais nos meios de comunicação, em livros e na vida como um todo e que é atual no dia a dia de trabalhadores sejam eles formais ou informais, pois de fato ele tem sido um caminho para população desempregada e desfavorecida, mas compreender as vantagens e desvantagens e o que ocasionou sua chegada e permanência tão fortemente de maneira que vem ocorrendo é essencial para entendermos os lados da moeda.

3.2 CHEGADA DO MICROEMPREENDEDOR INDIVIDUAL (MEI) E SUAS FACETAS

As consequências das mudanças ocorridas historicamente no ambiente do trabalho e na sociedade como um todo, com a chegada das guerras, Revolução Industrial e globalização ocasionaram desde início a informalidade, precarização, discriminação, e todos os problemas já citados aqui, como vimos ao decorrer desse trabalho e como as ideais neoliberais foram bases desde que surge para tais questões

No ponto anterior destacou-se como esse ideal tem se fortalecido e bebido dos quadros de desempregos e da pobreza decorrida dele para se firmar cada vez mais agora com o empreendedorismo como linha de frente.

Por muito tempo o trabalho informal no Brasil foi deixado de lado, mas com o forte aumento de empreendedores informais ou os chamados trabalhadores por conta própria, não tinha como fechar os olhos para estes formadores de economia, pois a importância do empreendedor no quadro econômico já é desde muito antes expressiva.

Com isso foi notório a necessidade de uma política que desse a esses trabalhadores uma segurança antes não prometida, para assegurar direitos desses trabalhadores, como direito à aposentadoria, facilidade de empréstimos entre outros, surge então o MEI (Microempreendedor Individual) em 2008, no governo Luiz Inácio Lula da Silva.

O MEI foi criado em 2008, por meio da Lei Complementar (LC) nº 128/2008, com as alterações que foram promovidas na LC 123 e permitia, para aqueles que se inscrevessem no programa, uma redução muito expressiva da carga de impostos e contribuições. O programa começou a funcionar de forma efetiva em 2009. (CONSTANZI, 2018, p. 3)

Ainda em 1960 encontra-se políticas de apoio ao empreendedor, que são elas, políticas regulatórias e políticas de estímulos, voltadas para o empreendedorismo e as micro e pequenas empresa (MPE), além de algumas leis e decretos que foram surgindo como forma de regulamentar trabalho por conta própria e o empreendedorismo que sofreram algumas alterações até a definição e ajustamento do Microempreendedor Individual MEI.

Com o objetivo de trazer esses empreendedores e trabalhadores para o programa alguns benefícios foram garantidos a eles, como acesso e direito a previdência social que o assegura de possíveis acidentes e condições de invalidez, como a aposentadoria com uma contribuição mínima de apenas 5%, além de emissão de nota fiscal, entre outros benefícios.

Quanto às vantagens, pontuaremos alguns aspectos que são importante para entender a investigação desse método de trabalho. Começemos com a cobertura previdenciária para o empreendedor e toda a sua família, como auxílio reclusão, auxílio-doença, salário-maternidade após carência, aposentadoria por idade e pensão, com contribuição mensal reduzida a 5% (cinco por cento) do salário mínimo, atualmente o valor de R\$ 60,60. (FARIAS, 2022, p. 22)

Além da formalidade existem diversas vantagens para o empreendedor ao se tornar MEI como destaca Farias (2022, p. 23) “O SEBRAE também menciona vantagens obtidas com a formalização, podendo assim se enquadrar no regime de tributação do Simples Nacional, ficando isento dos tributos federais, como Imposto de Renda, PIS, COFINS, IPI e CSLL”.

Além de outras vantagens como ainda segundo Farias (2022, p. 23):

Na hora de realizar a formalização, o empreendedor irá usufruir de condições para obter créditos junto aos bancos, principalmente bancos públicos como a Caixa Econômica Federal, Banco do Brasil e Banco do Nordeste. Esses bancos dispõem de linhas de financiamento com redução de taxas de juros e tarifas adequadas.

É fato que a iniciativa de formalizar os pequenos empreendedores e trabalhadores por conta própria além de outras melhorias tem se preocupado em disponibilizar muitos meios de manutenção e de continuidade desses trabalhadores além das que foram destacadas aqui, mas também são apontados alguns desafios do Microempreendedor Individual MEI como:

De forma análoga, naturalmente, o valor dos benefícios pagos aos segurados vinculados ao MEI também é de salário mínimo. Ademais, os optantes não têm direito a computar o período de contribuição no plano para fins de requerimento de uma Aposentadoria por Tempo de Contribuição (ATC), e para fins de contagem recíproca entre o RGPS e os RPPS (emissão de Certidão de Tempo de Contribuição (CTC)). Os inscritos no MEI podem se aposentar por idade ou por invalidez, mas não por ATC. Portanto, as diferenças em termos de plano de benefícios são limitadas, em especial, quando se leva em consideração a expressiva redução da contribuição previdenciária. (COSTANZI. 2018, p. 3, 4)

Além de só poder contratar um funcionário registrado com custo pequeno de 3% na previdência que nesse caso não tem vantagem nem para empregador nem funcionário, os

impostos direcionados para o MEI são fixos, o que implica em uma perda de avanço, ao passo que o mercado é instável e a economia um hora está em alta outrora despenca, como vemos abaixo com a autora:

Nos impostos fixos, ao mesmo tempo que o fato de existir impostos fixos é uma vantagem quando existe renda ao empreendedor, se torna uma desvantagem nos casos que o empreendedor individual não tenha nenhuma renda em um certo período, uma vez que o imposto deverá ser pago do mesmo jeito, ao contrário de outros tipos de regimes de tributação que só se paga mediante a rentabilidade. (FARIAS, 2022, p. 23)

Podemos observar que o programa do MEI ainda é recente e que alguns entraves são apontados pelos autores, se fossemos desmembrar cada ponto positivo e desvantajoso teriam muitos para apontar, a proposta é entender o conceito de empreendedorismo, como surge e como pode ser ele visto em algumas vertentes, como o neoliberalismo e o capitalismo que se utiliza dele para suprir demandas do mercado e do capital, mesmo que para isso seja necessário promover mais desigualdades e exploração ao criar um ideário distorcendo a realidade e como o MEI surge para tentar suprir uma falha desse modelo e visão empreendedora.

4 A PANDEMIA E O IMPACTO DAS MULHERES EMPREENDORAS DE SÃO JOSÉ DO EGITO/PE

4.1 CARACTERIZAÇÃO E ORIGEM DO MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DO EGITO

A pesquisa de campo foi realizada no município de São José do Egito-PE, que segundo dados do IBGE de 2022 conta com 31.154 habitantes, sendo o 3º mais populoso da Microrregião do Pajeú, estando a frente Afogados da Ingazeira e Serra Talhada. Quem Nasce em São José do Egito é chamado de Egipciense.

São José do Egito fica localizada na Mesorregião do Sertão Pernambucano e na Microrregião do Pajeú, sua área territorial é de 774,037km². O clima é semiárido quente, com temperaturas entre 20°C e 36° C, limitando-se com Itapetim e Brejinho ao Norte, ao Sul com Ingazeria e Tuparetama, Leste com a Paraíba e com Tabira e Santa Terezinha ao Oeste.

O município composto pelos distritos Sede, Bofim e Riacho do Meio, contêm 6 povoados, sendo eles: Batatas, Mundo Novo, São Sebastião do Aguiar, Juazeirinho, Espírito Santo e Curralinho. Sobre os aspectos fisiográficos

O município de São José do Egito, está inserido na unidade geoambiental da Depressão Sertaneja, que representa a paisagem típica do semi-árido nordestino, caracterizada por uma superfície de pediplanação bastante monótona, relevo predominantemente suave-ondulado, cortada por vales estreitos, com vertentes dissecadas. Elevações residuais, cristas e/ou outeiros pontuam a linha do horizonte. Esses relevos isolados testemunham os ciclos intensos de erosão que atingiram grande parte do sertão nordestino. A vegetação é basicamente composta por Caatinga Hiperxerófila com trechos de Floresta Caducifólia. O clima é do tipo Tropical Semi-Árido, com chuvas de verão. O período chuvoso se inicia em novembro com término em abril. A precipitação média anual é de 431,8mm. Com respeito aos solos, nos Patamares Compridos e Baixas Vertentes do relevo suave ondulado ocorrem os Planossolos, mal drenados, fertilidade natural média e problemas de sais; Topos e Altas Vertentes, os solos Brunos não Cálcicos, rasos e fertilidade natural alta; Topos e Altas Vertentes do relevo ondulado ocorrem os Podzólicos, drenados e fertilidade natural média e as Elevações Residuais com os solos Litólicos, rasos, pedregosos e fertilidade natural média.” (CPRM, 2005, p. 4).

O município em seus primeiros registros, trás como primeiros habitantes povos indígenas em destaques tribos Chocós que habitavam próximos ao Rio Pajeú, através da colonização Freio Vital de Frascarolo, religioso italiano que veio o povoado de Chocó, então município de Flores, também encontra-se registros dos índios Pipipãs e os Avis também habitaram o município a centenas de anos atrás.

Mas foram 200 anos depois que fazendeiros da serra da Borborema chegaram com suas famílias e construíram suas casas no ponto de encontro entre Riacho São Felipe com o Rio Pajeú, logo em seguida fizeram uma capela dedicada a São José que não durou muito, pois há

18 km havia uma fazenda de nome São Pedro, que também tinha uma capela dedicada a São José e onde também se formava um povoado.

Os moradores da fazenda não aceitaram bem a nova a ideia de a nova capela ser tão perto da deles e queimaram a capela vizinha. Dando origem ao nome Queimadas, como já se chamou São José, foi construída outra capela maior e mesmo com mais duas tentativas dos fazendeiros de São Pedro não tiveram eles sucesso na empreitada.

Em 1838 um fazendeiro chamado Inácio do Nascimento de Souza, cedeu um terreno, no ano seguinte, um missionário capuchinho deu inicio a campanha para construção de uma igreja nova e maior que só veio ser concluída 26 anos depois, dando origem ao nome São José das Queimadas no ano de 1865.

Posteriormente passou a se chamar São José da Ingazeira, pois a vila na época pertencia à comarca da Ingazeira. Foi com lei provincial nº 1516, de 1 de abril de 1881, que a vila foi nomeada São José do Egito, que se tornou emancipada em 9 de março e 1309, porém apenas em 1 de julho do mesmo ano foi considerado município com este nome pela lei estadual nº 991.

Este nome Egito, tem sentido na história religiosa e na riqueza cultural, no primeiro caso, a imagem de São José, trazida de Portugal tinha os pés cobertos por botas, segundo historiadores em Israel, onde Jesus andou não se usava botas, mas que esse tipo de calçado era usado no Egito, já com relação à cultura, pôr a poesia ser muito forte, os antigos poetas eram e são considerados como faraós, pois estes representavam a cultura de uma forma tão magistral quem foram criadas até dinastias de faraós como no Egito, como reis e faraós de lá, essa é a segunda explicação para São José do Egito.

4.2 TRABALHO INFORMAL, MULHERES EMPREENDEDORAS EM SÃO JOSÉ/PE

Participaram da pesquisa quatro empreendedoras de São José do Egito-PE, com idade distintas, tendo elas entre 26 a 46 anos, quando analisado o grau de escolaridade duas das entrevistadas, sendo a entrevistada 3 e a 4 não possui nível de escolaridade superior, mas as duas outras têm o segundo grau completo, como expressado abaixo na tabela 1.

Quadro 1 - Idade e Grau de Escolaridade

ENTREVISTADA	IDADE	GRAU DE ESCOLARIDADE
01	26	SUPERIOR COMPLETO
02	44	SUPERIOR COMPLETO

03	35	ENSINO MÉDIO COMPLETO
04	46	ENSINO MÉDIO COMPLETO

Fonte: Pesquisa de campo realizada em Maio/Junho de 2023.

Todas as entrevistadas têm companheiro, porém a entrevistada 1 é a única que não é casada, mas mora junto do namorado, toda também tem filhos, a entrevistada 1 é também é a única que tem apenas um filho, as outras três tem entre duas a três filhos.

As entrevistadas tiram a renda do seu negócio, e tem apenas um tipo de empreendimento, o núcleo familiar conta também com a renda do marido, exceto a entrevistada 4 que tem também uma renda vindo do filho mais velho e a entrevistada 1 que colocou que te ajuda do namorado, sendo está última a única que empreende em mais de um segmento, também foi observado que a media de pessoas por família é entre 2 a 4 pessoas.

Referente à moradia a entrevistada 1 atualmente reside em João Pessoa há 4 meses com intuito de ampliar seu empreendimento além da cidade de São José e mora atualmente **em** casa alugada, a entrevistada 2 mora em casa própria, assim como a entrevistada 3 e a entrevistada 4 mora de aluguel. No que se refere ao local do empreendimento apenas a entrevistada número 2 tem um local da família e que não precisa arcar com mais um aluguel, as demais pagam aluguel para manter seu ponto, com exceção da entrevistada 4 que usa a área da casa em que mora de aluguel, para seu negócio e como garagem.

O estabelecimento das entrevistadas 1, 2, e 3 são em lugares distintos a residência delas, no caso da entrevistada 1 ela não possui transporte no momento, a número 2 tem um carro e utiliza seja indo só ou o marido deixando até o local de trabalho e a número 3 tem uma moto e um carro, antes de ter o segundo filho ia de moto, depois do segundo filho precisou ir de carro, a número 4 tem carro e moto, mas não precisa se deslocar até seu empreendimento, pois como citado acima o seu negocio é na própria casa.

Outro ponto que merece destaque é sobre como essas empreendedoras utilizam mecanismos digitais para seus negócios e se tem ferramentas para isso, foi observado que as empreendedoras têm acesso e pagam a internet, nos empreendimentos das entrevistadas 1, 2 e 3 tem computadores para as demandas de seus negócios, em destaque a empreendedora 3 tinha um aparelho celular único para sua loja, a única entrevistada que não foi observado computadores e celulares voltados para seu negócio foi a número 4, mas esta utiliza o celular pessoal quando quer realizar assuntos do trabalho.

Dentre as entrevistadas todas elas usam as redes sociais para divulgação, as três primeiras empreendedoras usam as redes sociais, como instagram e whatsapp, a número 4 utiliza o facebook e o instagram com mais foco no facebook e das demais é menos ativa nas redes, as entrevistadas 2 e 3 são focadas no atendimento e vendas presencial e em redes sociais ambas tem um instagram para seu negócio separado do individual, as entrevistadas 1 e 4 usam as redes sociais pessoal.

Nota-se que apesar da geração e demanda de mercado atualmente estar voltada para o meio digital com a pandemia isso só aumentou, mas que mesmo em análise geral das entrevistadas é possível ver ainda empreendedoras que não estão conciliando os meios de trabalho e divulgação de seus serviços e de seus empreendimentos das 4 empreendedoras, apenas a entrevistada número 4 não coloca as redes sociais de maneira ativa no seu empreendimento.

Observa-se então que as empreendedoras por mais que tenham impasses, em maior parte seguem um padrão, dependendo muito das ferramentas e caminhos que cada uma seguiu no empreendimento, observa que o mercado digital ainda está sendo explorado e que o empreendimento voltado para o presencial continua firme, principalmente dependendo da idade como é o caso da entrevistada 4, que é a com idade maior entre elas e as com idades maiores, como as 2, 3 e 4 ter o empreendimento voltado para a cidade de São José.

Sobre os negócios em que essas mulheres atuam, a entrevistada 1 tem uma lavanderia desde 2018, onde teve início em Sumé-PB, onde residia e fazia faculdade e posteriormente no ano de 2021 veio para a cidade de São José do Egito-PE este foi seu primeiro negócio sozinha, antes já havia tentado fazer sociedade com outras pessoas, mas sempre dava errado, ela é a única que também empreende no Marketing Digital, tráfego pago de forma mais expressa. A entrevistada destaca que empreender foi algo que veio de família, pois desde pequena ela tem os exemplos, dos avôs:

“Eu comecei a empreender ainda criança, isso veio de família mesmo porque eu cresci com a minha avó e meus avôs tinham uma mercearia que era junto com uma padaria, enfim e assim eu sempre ajudava eles a ficar lá, a ajudar, a cuidar do local pra poder ganhar um trocado, gostava mesmo de ganhar dinheiro e guardar e ai chegou um dia, meu avô tinha uma garagem que não fazia nada, não tinha nada dentro era só pra eu brincar, e eu e meu tio que é seis anos mais velho que eu combinamos de... ele mais maduro claro! combinamos de botar um negócio, só que ai a gente não tinha muita condição então com o dinheiro que eu consegui guardando, cuidando da padaria do mercadinho, a gente foi na feira comprou uns dvd's e começamos a alugar esses dvd's dentro da padaria do meu avô o povo ia comprar pão a gente dizia: Olha a gente ta alugando dvd, é 1 real e dava certo. (ENTREVISTADA, 1, 2023)

A entrevistada 2, seu empreendimento é uma estética fácil e corporal, que abriu em 2020, durante a pandemia e também já tinha na família empreendedores, mas destacou que não era algo que pensava, que nem gostava, mas em decorrência da sua filha mais nova ter nascido na Covid-19 elas ressaltam que:

“Minha filha era pequena, eu não queria voltar para o hospital, porque ia passar muito tempo fora de casa e ainda tinha o Covid, aí eu disse não tenho que fazer alguma coisa que eu possa fazer em casa, foi quando eu comecei.” (Entrevistada 2, 2023)

Entrevistada 3 teve como seu primeiro empreendimento, um mercadinho em 2015 que durou até 2018, e retomou as atividades empreendedoras em 2020, primeiro com a loja online e depois com a loja física de perfume e cosméticos. Sobre ser empreendedora ela destaca que: “Eu tinha meus irmãos e irmãs, no que eu via eles empreendendo me dava vontade de empreender também”.

Já a entrevista 4 tem um salão de beleza que abriu a mais de 20 anos, inicialmente em São Paulo e depois em São José do Egito-PE, ela fala que antes trabalhava no salão de outra pessoa, mas quando seu filho mais novo nasceu, precisou sair do emprego e a partir disso começou atender na garagem de casa, ela explica que: “E eu comecei a atender algumas clientes em casa para suprir algumas coisas em casa, assim no tempo que eu podia, aí minha irmã foi casar aí eu disse a ela, vou fazer sua maquiagem, seu cabelo aí esse foi o impulso.”

É possível observar que a maioria das entrevistadas tem na família como incentivo para empreender, só no caso da entrevistada 4 que não teve referências familiares, mas sim uma necessidade de ajudar financeiramente em casa. Também foi observado que algumas das empreendedoras entrevistadas ainda não possuem nenhum vínculo empregatício não se inscreveram no sistema de Microempreendedor (MEI) e permanecem no trabalho informal, como é o caso da entrevistadas 1, 2 e 3, ainda trabalha informal, entende o trabalho informal aquele que trabalha por conta própria e não tem nenhuma proteção, seguridade e ajuda do governo.

Dentro dessa linha de abordagem, trabalho informal entendia-se por aquele que não possui a seguridade do vínculo empregatício, quando o trabalhador está desprotegido da manta de direitos que reveste àquele que possui registro do emprego e usufrui da conquista da CLT¹⁶. Nessa conjuntura, além dos direitos conquistados e assegurados pela CLT, o trabalhador informal também é privado de remuneração com piso mínimo, de seguridade social que envolve o trabalhador com registro e de medidas de proteção a riscos e acidentes. (XAVIER, 2014, p. 23)

O trabalho informal também se caracteriza por ir de contra o modelo fordista resultado de mudanças históricas, como o advento das modificações do modo de produção de trabalho, como a chegada do capitalismo e das consequências que ele trouxe como a Revolução Industrial a I e II Guerra Mundial onde a força de trabalho passou a ser moeda de troca do trabalho assalariado, porém com a chegada da globalização sendo embasada em ideias neoliberais que busca flexibilizar o trabalho para atender as novas demandas do mercado capitalista hoje vemos que o trabalho informal tem ganhado espaço no meu empreendedor, também são considerados informais, trabalhos terceirizados, estagiários e os que se classifiquem fora da contratação tradicional (carteira assinada), como aponta Magno e Barbosa (2011, p. 122)

A obviedade dessa situação manifesta-se na convivência do contrato de trabalho por tempo indeterminado e de diversas modalidades de contratos atípicos de trabalho, configurados pela lógica da flexibilização produtiva; isto é, todos aqueles contratos que não se inscrevem na tradicional condição de assalariamento fordista, como, por exemplo, os contratos de trabalho temporário, de tempo parcial, de terceirização (subcontratação) e de aprendizagem (estagiários). Além do trabalho informal, que nos países da periferia capitalista, como é o caso do Brasil, há muito se faz presente e só recentemente passou a ser um estorvo para os países do capitalismo avançado.

Os autores completam ainda:

O fomento das estratégias de flexibilização no mundo do trabalho processa-se em estreita consonância com as estratégias políticas de inspiração neoliberal, que vêm no encolhimento de algumas funções do Estado uma exigência para o bom funcionamento dos mercados. Estes são entendidos como esferas adequadas para garantir o vigor e a saúde socioeconômica em tempos de globalização. (MAGNO E BARBOSA, 2011, p. 122)

Não está trabalhando formalmente pode prejudicar as empreendedoras em caso de invalidez, ou licença maternidade, ou problemas no negócio mesmo antes da pandemia, com ela a situação de empreendedoras e/ou trabalhadoras por conta própria que estão ou não no trabalho informal é pior, pois elas não podem contar com nenhuma ajuda para conseguir manter o negócio e nem com direitos se fecharem o empreendimento e precisarem de apoio financeiro.

4.3 AS MULHERES E A PANDEMIA – EXPERIÊNCIAS DE EMPREENDEDORAS

A pandemia surge global na China no final do ano de 2019, precisamente dia 31 no mês de dezembro, a Organização Mundial de Saúde (OMS) foi alertada dos inúmeros casos de pneumonia em Wuhan, ao passo que a contaminação era rápida as especulações sobre do que se tratava o vírus, de onde vinham, sintomas e gravidade que causavam nos acometidos eram muitas.

A alta e rápida contaminação superlotando os atendimentos médicos acionou alerta e os testes que estavam sendo realizados detectaram que se tratava de um novo tipo do coronavírus que não tinha sido identificado antes em seres humanos a ele deu-se o nome de (SARS-CoV-2) esse vírus é responsável por causar a doença Covid-19, seus efeitos foram se espalhando rapidamente assim como as notícias jornalísticas, o vírus foi adentrando outros países, tendo o primeiro caso confirmado no Brasil em 26 de fevereiro de 2020.

Com isso foram ocasionadas várias mudanças até que a necessidade de proteção contra a contaminação do Covid-19 provocou o decreto de isolamento social que afetou todos os campos da vida social e econômica de maneira global, com o fechamento dos comércios em geral o desemprego ganhou um lugar de destaque nos assuntos econômicos e na relação trabalho versus pandemia, como apontado abaixo.

Um estado de sítio, caracterizado pela quarentena, foi recomendado com o objetivo de evitar uma crise sanitária. Este isolamento afetou, de maneira direta ou indireta, todos setores da economia, bem como toda a interação social, que por sua vez, dificultou as formas de trabalho; muitas empresas precisaram fechar as portas e demitir pessoas causando um grande aumento no desemprego. (SILVA, OLIVEIRA, PAIVA, p. 138, 2002)

Com esse aumento do desemprego muitas pessoas que estavam em empregos fixos passaram para a faixa de desocupados chegando a 14,4% e 2,7 milhões de pessoas afastadas do trabalho devido ao distanciamento social entre 20/09 e 26/09/2020, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE (2020). O mundo do trabalho foi um campo muito afetado, levando as empresas a tomar decisões rápidas e radicais, o emprego teve que se reinventar cada vez mais ao passo em que a pandemia ia se espalhando, o mercado de trabalho assim como o mundo todo foi pego de “surpresa” então as medidas foram tomadas junto aos acontecimentos da pandemia e a demanda que ela causou.

Não diferente das empresas multinacionais e de grandes comércios os empreendedores de pequeno porte, trabalhadores por conta própria (trabalhadores informais) e Microempreendedor Individual (MEI) também sentiu os impactos do Covid-19 e nesse caso de maneira acentuada, se outrora a disparidade entre grandes e pequenas empresas são reais, não seria diferente com a pandemia, segundo dados do IBGE (2020) 33,5% das empresas em funcionamento reportaram que a pandemia teve um efeito negativo sobre a empresa.

Já no caso como o Microempreendedor Individual (MEI) sejam eles os que já tinham seu negócio antes da pandemia ou os que abriram pouco antes ou durante o Covid-19, podem ser destacadas algumas dificuldades iniciais como, dificuldade do acesso ao cliente, problemas com recursos financeiros, dificuldade de encontrar fornecedores, compra presencial com

fornecedores já que não podia haver contato, nem viajar para realizar as compras, falta de experiência no mercado tradicional e/ou digital, visualização pessoal e presencial do cliente para com seu negócio, contato com seu público, dificuldade no acesso a empréstimos apesar da seguridade do MEI.

Pois com a pandemia a facilidade de realizar empréstimos também foi afetada, como aponta pesquisa realizada pelo SEBRAE 2020. Onde 30% das empresas tentaram conseguir empréstimos para não demitir funcionários, mas apenas 11% obtiveram respostas positivas. O SEBRAE realizou entrevistas com empresários de diferentes ramos e por meio dos resultados obtidos, mapeou os impactos da pandemia, essas entrevistas tiveram algumas edições. Os dados foram analisados entre 03 e 07 de abril, com relação ao faturamento 87% dos negócios registraram queda no faturamento mensal e 69% foi à queda de faturamento médio em comparação com uma semana normal, (SEBRAE 2020).

Ao passo que esses empreendedores encontraram dificuldades para continuidade e /ou da início ao seu negócio no começo do isolamento social, por outro lado as taxas de crescimento no campo foram expressivas de maneira que ganhou destaque, pois com a alta no desemprego muitas pessoas recorreram a abrir algum tipo de empreendimento.

O que pode ser considerado é que os pequenos empreendedores sofreram os impactos sim da pandemia, mas que não foi só maré baixa e que esses impactos foram mais sentidos por duas situações, a primeira por a rapidez eu que a pandemia mudou a forma de trabalho em geral e ninguém estava preparado. Em segundo lugar é que o empreendimento tradicional já não podia ser como antes, pois os negócios que só via esse caminho sofreram ainda mais.

Em meio a todas essas questões voltamos o olhar para a mulher, para as empreendedoras e como a pandemia influenciou em suas vidas e em seus negócios, como já destacado nos capítulos anteriores. E antes de tudo é importante destacar o papel da mulher empreendedora e suas contribuições, políticas, sociais e econômicas, como uma forma de afirmar o seu lugar no mundo já que esse lugar tem sido continuamente desqualificado.

A importância das mulheres como empreendedoras para a sociedade gira em torno da sua contribuição econômica, pois gera emprego para si e para outros, na importância de seu comportamento em administrar a dupla jornada como exemplo social e ainda o aumento da autonomia feminina, antigamente julgado improvável e desnecessário. (AMORIM, BATISTA, 2012)

Ainda sobre os olhares e estudos voltados para o empreendedorismo feminino, apontam as autoras Gimenez, Ferreira e Ramos (2016, p. 40) “Os primeiros estudos sobre

empreendedorismo feminino no Brasil surgiram no final dos anos 1990. Desde então o tema tem sido tratado em um número crescente de artigos publicados nos periódicos brasileiros.” Diferente do Brasil na literatura estrangeira o empreendedorismo feminino já era encontrado há mais tempo“ Isso porque os primeiros estudos sobre o tema datam de meados da década de 1970, crescendo significativamente na década seguinte Gimenez, Ferreira e Ramos, (2017, p. 42) *apud* Gomes *et al.*, (2014, p. 342)

Silva, Evangelista *et al.*, (2022) destaca que o perfil das empreendedoras tem além dos requisitos de qualquer empreendedor sem distinções de gênero, mas que por estas mesmas questões ela é capaz de influenciar e inspirar outras mulheres a chegar a lugares antes dedicados aos homens como o lugar de líder.

Diz-se que uma mulher empreendedora é aquela que tem a capacidade de identificar novas oportunidades, tem confiança para tomar decisões, tem competência para se lançar a riscos, além da capacidade e inspiração para ser líder e, além disso, acreditar no seu potencial talento de entrar nos negócios e aprender sobre o setor empresarial. (SILVA, EVANGELISTA, *et al.* 2022, p. 13)

A capacidade da empreendedora em detectar oportunidades e enxergar meios para evitar e ou sair da crise no seu negócio, é o que faz destas mulheres o diferencial no campo econômico e social, sendo importante observar como essas mulheres reagiram em meio a uma crise mundial como foi o caso do Covid-19 em que todos foram pegos de surpresa.

Nesse sentido é importante olharmos para essas mulheres, iremos então destacar o olhar de empreendedoras sobre o momento durante a pandemia e pós-pandemia, para isso foram entrevistadas 4 empreendedoras na cidade de São José do Egito-PE, onde foi realizado questionários, com questões distribuídas em um roteiro base.

É certo que o Covid-19 acarretou em problemas econômicos mundiais, assim não seria diferente para as empreendedoras, pois se antes da pandemia a mulher tem sua história marcada pelas dificuldades em se manter presente na sociedade isso também é presente em campos econômicos, primordialmente no empreendedorismo que é um trabalho que tem como um dos critérios a disponibilidade por parte de quem empreende de correr risco, muitos foram os desafios enfrentados pelas empreendedoras, sendo eles intensificados na pandemia.

Empreender vai muito além de ter uma empresa, é uma área que precisa se reinventar, adaptar-se às constantes mudanças que surgem de forma inesperada, como ocorreu em 2020, onde uma pandemia causada pelo vírus da Covid-19 surpreendeu a todos e fez com que as empreendedoras tivessem que buscar soluções para que seus negócios não fechassem as portas. (ESTEVÃO. 2022, p. 8)

Com base nesse olhar apontado pela autora percebesse como as empreendedoras precisam saber lidar com os imprevistos que surgirem para conseguir continuar atuando como

empreendedoras e como se afirma ainda mais na pandemia. Na entrevista realizada com as empreendedoras deste trabalho foi perguntado a elas, como elas viam a chegada da pandemia na vida, no negócio e de maneira geral, das entrevistadas, a 2 e a 4 enxergam que teve impactos negativos, em destaque a entrevistada 4 ressalta: “Desastrosa, questão de a gente ficar quatro meses parado caiu bastante o negócio, aí fui começar de novo.”

Já no caso da entrevistada 3 em relação ao seu negócio ela enxerga que lucrou bastante, sendo pra ela bom no campo econômico. A entrevista 1 destaca pontos positivos e negativos ao passo que diz que:

A pandemia ela foi um baque pra todo mundo em vários sentidos emocional e financeiro, mas eu acredito que nessa hora êê... a gente entendeu a importância de parar, como empreendedora eu entendi que eu precisava parar pra analisar e estudar porque até então eu não estudava sobre negócio, só ia colocando, colocando e foi quando eu parei e sentei, foi quando eu comecei a estudar como é que meu negócio pode gerir agora, como eu vou gerir o meu negócio agora sem está dentro de uma loja já que eu não posso abrir então eu comecei a enxergar a oportunidade na internet então a pandemia ela veio pra mim dá uma nova visão, ela veio me mostrar que tem outros caminhos estude um pouco mais se dedique um pouco mais e aí eu comecei fazer isso então na pandemia, oh eu tô hoje atuando no mercado o que eu aprendi na pandemia.

Podendo ser analisando que algumas empreendedoras tiveram lucratividades maiores e outras tiveram prejuízos em seus negócios com a chegada da pandemia, e que em meio a isso como citado pela entrevistada 1 esta passou a ter um olhar diferente sobre empreendedorismo, parando para observar e estudar mais sobre o mercado empreendedor para não continuar abrindo vários negócios sem analisar antes. Ou seja, ao passo que entre elas tiveram aspectos positivos e negativos de qualquer forma pode afirmar que todas aprenderam com seus resultados.

Seguindo um olhar sobre a chegada da pandemia, as entrevistadas foram perguntadas sobre os maiores desafios que esta acarretou no seu empreendimento, a única entrevistada que não destacou desafios foi a número 3, as demais sentiram desafios em diferentes sentidos, como por exemplo, a 1 que fala em ter que recuar e isso distanciou sua expansão no negócio, a 4 destacou os problemas com estoque de mercadorias, fornecedores e validade dos produtos, a Entrevistada 2 destacou que: “Falta de cliente, a insegurança das pessoas em cima da doença né e pra vir fazer um tratamento facial que era eu respirando em cima da pessoa, a pessoa respirando em cima de mim né.”

Cada empreendimento teve demandas relacionadas aos seus serviços, umas mais, outras menos isso se deu pelo segmento que cada uma trabalha, isso pode ser afirmado com o (SEBRAE, 2020) Segmentos considerados não essenciais ou que exijam contato físico têm

sofrido mais com a crise, seja pelo fechamento temporário, seja pela mudança de comportamento do consumidor.

Sendo assim segmentos diferentes tiveram resultados diferentes como, por exemplo, lanchonetes, restaurantes, farmácias, vendas online em geral, ou seja, que não era necessário contato para realização do serviço, sofreram menos impactos, quem sofreu mais esses impactos são empreendedores que precisavam de contato com o cliente para fornecer seus produtos ou serviços, entre eles podemos citar cabelereiros, esteticistas, academia, bares, casa de show entre outros.

As entrevistadas também foram questionadas se continuaram com o empreendimento durante a pandemia, as que continuaram o que fizeram para se manter no mercado e se algumas delas não tivesse se mantido no mercado durante a pandemia quais obstáculos encontram, foi observando que entre as empreendedoras, a entrevistada 4 foi a única que teve que fechar seu negócio por quatro meses desde o início do isolamento, as demais continuaram com os empreendimentos funcionando durante a pandemia.

Importante destacar que as empreendedoras 2, 3 iniciaram o empreendimento durante a pandemia, com destaque para a entrevistada 3 que iniciou seu negócio como loja online em 2020 e só em 2021 abriu loja física, no caso da entrevistada 1, esta já tinha aberto seu empreendimento na cidade de Sumé-PB no ano de 2018 e no início da pandemia abriu em São José do Egito-PE, e a entrevistada 4 que trabalha com seu empreendimento a mais de 20 anos, que foi iniciado em São Paulo e hoje está localizado na cidade estudada.

Sobre o que elas fizeram para se manter no mercado a 3 fazia entregas, fazia retirada na porta sem muita aglomeração, já a entrevistada 1 além de usar estratégias de curiosidades nas redes sociais, ela destaca que suas estratégias sempre são voltadas para o Marketing Digital.

Minha filha, o negócio é difícil viu eu até canso quando eu penso nessa pergunta, foi muito mais difícil do que o que é hoje, porque foi o começo, eu não tinha clientes era uma pandemia, então é muito difícil o começo de qualquer comércio que as pessoas precisam pegar uma confiança no seu trabalho, foi difícil muito difícil e ainda está sendo porque é vender, vendas é você conseguir, você correr atrás dos seus clientes, você chatear o cliente, você precisa correr atrás dele. (ENTREVISTADA 2, 2023)

É possível analisar que as entrevistadas que continuaram com seus negócios abertos, só o fizeram por que buscaram meios para isso, tanto em melhorias como em facilitar o acesso dos clientes aos seus produtos, uso dos mecanismos digitais, como o cuidado, dedicação e visão de bom atendimento e relação com os clientes. Nesse caso a pandemia impactou as entrevistadas de forma desafiadora, pois como destacou a entrevistada 2 não é fácil iniciar e manter um

negócio ainda mais na pandemia, nesse sentido Sales e Macêdo (2021, p. 217) apud Satt e Cristello (2019, p. 06)

Satt e Cristello (2019) afirmam que a pandemia tem obrigado as empresas a buscarem inovação, bem como novas formas de atuação e atendimento dos clientes. Mudanças também são necessárias na gestão e nas políticas empresariais, já que claramente as empresas estão precisando se reinventar e tornar seus negócios também mais inovadores e atrativos.

O que pode ser destacado é que ao passo que a pandemia mudou o rumo de como essas mulheres empreendiam, ela tirou da zona de conforto essas empreendedoras e por meio disso levaram muitas a patamares que antes da chegada do Covid-19 poderiam nem ser almejados, mas também deixaram outras sem poder abrir seu negócio as prejudicando.

Com isso foi perguntado as empreendedoras se durante ou depois da pandemia viu necessidade de mudar o nicho do negócio, de todas a entrevistada 1 recorreu ao marketing digital e outros empreendimentos tradicionais, como vender lingerie, abriu uma cafeteria online e fez um programa de ajuda para outras empreendedoras, porém permaneceu com seu primeiro empreendimento que é um lavanderia.

A entrevistada 2 não mudou o nicho, mas aumentou o leque de possibilidades, a entrevistada 3 pensou em mudar, em colocar outra coisa por conta da baixa no comercio, ela ressalta que:

Pensar eu até pensei né em mudar, em colocar outra coisa porque.. querendo ou não o comércio deu uma baixada né e pensei de várias formas colocar outra coisa é tanto que hoje também eu penso em colocar..continuar com cosméticos que dependente de qualquer outro que, é... comércio que eu vir a abrir empreender eu acredito que eu não tiro o cosmético porque é uma coisa que ta em mim, que eu gosto.

É possível perceber que entre as entrevistadas não há um padrão, em cada caso elas fizeram mudanças diferentes e que melhor atendia a seus conflitos naquele momento, enquanto uma crescia e expandiam seu negócio como estratégia, outra pensava em mudar seu nicho e outra abriu outros empreendimentos além do seu negócio inicial e apostava de forma híbrida no tradicional e no digital. Destaque para esse último que foi uma área que cresceu muito e que se destacou nos empreendimentos impactando positivamente esse momento de pandemia, como aponta dados do SEBRAE (2020) Onde aumentou a venda de empresas nas redes sociais, indo de 47% antes, aumentado para 59%.

Outra pergunta que comprova tão feito ainda quando tratávamos das questões do roteiro inicial foi como as empreendedoras enxergavam a abertura do comércio no pós-pandemia, quais foram às mudanças necessárias e quais meios foram aderidos para o negócio permanecer aberto.

“Eu pensei em justamente fazer o que eu fiz né, em crescer a minha impressa, eu sair de casa ir pra um espaço físico destinado a isso, a minha empresa.” Entrevistada 2. Indagada sobre, as estratégias usadas no Instagram, ela complementou sua resposta dizendo: “É ai sim as estratégias é é . continuei né, tive que ir me aperfeiçoado, as postagens no Instagram, em todas as redes sociais, as meninas que são blogueiras que fazem o marketing digital eu chamei elas pra vir”. Entrevistada 2.

Com relação às demais entrevistadas, a 1 via a necessidade de ampliar a lavanderia abrindo uma loja para atender melhor os clientes e também para vender os produtos de sua empresa, já no caso da entrevistada 3 também abriu sua loja no físico e usou como estratégias para atrair o público até seu estabelecimento, promoções nos produtos e conciliou seu conhecimento no Instagram com o presencial já que sua loja era apenas online antes,

Já a entrevistada 4 fala que pelo isolamento ter possibilitado as pessoas de realizar compras online com mais frequência suas clientes estavam comprando os produtos e aplicando sozinhas em casa estragando o cabelo, com isso ela passou a realizar muitos tratamentos, além do Covid-19 que também tem como em de seus efeitos a queda de cabelo, então ela investiu em cuidados e laser para tratar as quedas.

A internet e os meios digitais foi visto como uma ferramenta essencial para todas elas, vista como positiva nesse período inicial da pandemia e dando um crescimento diferente e maior para quem usou delas, por isso que segmentos que não necessitava do presencial para funcionar alavancaram e os que estavam mais voltados para o atendimento tradicional sofreu mais. O SEBRAE (2022) apontou alguns dados sobre as mulheres quanto à utilização das redes sociais comparado aos homens, sendo 71% o número de mulheres que fazem usos das redes sociais, aplicativos ou internet na venda de seus produtos, no caso dos homens que utilizam essas ferramentas o número é bem menor, equivalente a 63%. Além das empreendedoras usarem mais vendas online do que os homens, sendo 34% mulheres contra 29% homens.

Apesar das mulheres terem passado dificuldades maiores na pandemia, elas conseguiram se destacar reinventar e se adaptar as necessidades da pandemia seja no seu comércio, seja na família, ou onde fosse preciso. Esses dados são resultados do período em que a pandemia se iniciou e durante a mesma, como destacado anteriormente os dados serão abordados durante e pós-pandemia para que possamos ter essa visão e comparação dos dados.

O que se buscou observar foi se os impactos vividos quando a pandemia se estalou no Brasil perduram depois que o isolamento acabou e até os dias atuais, para que assim saibamos até onde o Covid-19 permanece presente nos empreendimentos e na vida de cada

empreendedora. Analisemos agora a visão dessas mulheres, depois do isolamento e pós-pandemia.

É certo que depois que o comércio reabriu ainda existiam muitas interferências que o Covid-19 trouxe com ele, pois por mais que os estabelecimentos reabrissem, as medidas de higiene continuaram, pois o vírus ainda estava circulando e as vacinas ainda estavam em seu processo inicial. Com vista a entender como as entrevistadas se saíram com a abertura de seus negócios, foi perguntado como elas enxergavam a abertura do comércio após o período de isolamento até os dias atuais.

Foi percebido que entre elas houve tanto visões positivas como negativas como no caso da entrevistada 1 que destacou: “A abertura do comércio após o período de isolamento foi um momento de esperança e recomeço. Vimos uma gradual retomada das atividades econômicas, embora com medidas de segurança reforçadas.” A entrevistada 2 ver que seu negócio só tendia a crescer com a abertura do comércio, pois como a área da beleza é muito buscado pelas mulheres, para se sentirem empoderadas, valorizadas ela sempre é procurada.

Paras as entrevistadas 3 e 4 elas destacaram que sentiram dificuldades, a entrevistada 3 sentiu que a experiência do pós-pandemia no negócio foi diferente do que ela tinha antes, com várias questões novas e mais desafiadoras que imaginavam, como ter que a preocupação não só de vender no presencia, mas também no digital. A entrevistada 4 também teve um olhar sobre as dificuldade e destacou que: “É muito difícil, porque precisa de muita criatividade, teve muita inovação.”

Analisando as entrevistadas, observa-se que enquanto duas delas viam um avanço para elas e seus negócios, as outras duas empreendedoras mostra que esses impactos ainda mesmo nos dias atuais são desafiadores e ainda realmente esta presente. Foi necessário se adaptar não só durante, mas também depois da pandemia, pois agora mesmo com o comércio aberto, os consumidores estão demandando uma outra forma de comprar.

Kamlot (2021), ressalta que a COVID 19 não mudou somente a rotina das pessoas ao redor do mundo, mas também modificou as atividades de diversas empresas, que buscaram adaptar-se à nova realidade dos consumidores, que demonstram novo comportamento, voltado ao consumo consciente, busca por equilíbrio, criação de laços emocionais, receio em consumir. (LIMA, MACÊDO, 2022, apud KAMLOT 2021)

As autoras confirmam assim os desafios e as necessidades decorrentes da Covid-19 para manter o comércio e atrair clientes. Dentro desse olhar foi questionado as entrevistada quais dificuldade encontrou quando seu negócio reabriu e se elas ainda existem até hoje, destacou a

entrevistada 1 “Ao reabrir meu negócio, enfrentei desafios como a adaptação às novas restrições sanitárias e a necessidade de reconquistar a confiança dos clientes. Alguns desses desafios ainda persistem, mas estamos sempre buscando soluções criativas.”, já no caso da entrevistada 2 ela ressalta que por ter aberto o negócio durante a pandemia ela não chegou a reabrir, mas que as dificuldades foram voltadas a conseguir clientes.

A entrevistada 3 fala que teve dificuldade voltada sobre a falta de experiência em vender online, pois até hoje sente dificuldade em falar pelas câmeras do celular e sente dificuldade em trazer o cliente até o comércio. No caso da entrevistada 4 ressalta dificuldades como o medo do cliente, a dificuldade de investir, por falta do giro do capital. Apesar de cada uma delas demonstrar dificuldades diferentes em algum momento, também na fala de cada uma detecta os impasses em atrair o cliente de volta e como se adaptar a essa nova realidade é algo que ainda está em construção.

Sobre os negócios e as relações com o consumidor também foi perguntado para as empreendedoras, quais mudanças perceberam no empreendimento antes e depois da pandemia. Essa foi a única em que as respostas foram quase unânime entre as empreendedoras, pois três delas apontaram questões relacionadas às vendas online, a entrevistada 1, argumentou que antes da pandemia o empreendimento estava mais voltado para o modelo tradicional e percebeu que a necessidade do online se tornou maior como também o fortalecimento da comunicação digital, acrescentou também sobre a criação de soluções para cumprir as demandas atuais.

A entrevistada 2 também destacou a era digital e comparou como era antes, suas consultas e atendimentos presenciais, onde os clientes iam muito para os estabelecimentos, tanto para perguntar sobre algum procedimento, agendamento entre outros serviços e que agora quase tudo faz online. Para a entrevistada 3 não foi diferente, ela destaca que: “O que eu pude mais perceber de mudanças nesse período foi que a mudança de vender online e presencial, mesmo que antes já existisse as vendas online depois teve uma certa mudança, teve mais atendimentos online do que presencial, então isso foi o que mais me chamou atenção.”

A entrevistada 4 foi a única que falou sobre a questão das clientes e como antes elas procuravam mais ir ao salão, e como agora só procuram ir até o salão de último caso, com emergência e ressalta que está achando bem complicado para ela essa diferença da frequência em que as clientes procuram agora, para que procuravam antes da pandemia. Apesar da resposta da última entrevistada ter tomado um diálogo diferente, a análise é de que todas sentiram e expressam com essa última questão que a pandemia não pediu mudanças só enquanto ela se instalava, mas que ela permanece com seus sintomas muito presentes na vida dessas

mulheres e no seu negócio e também observasse que isso ocorre pela presença mais forte dos serviços digitais.

Ao passo que os mecanismos digitais as ajudaram durante a pandemia, depois que o comércio reabriu isso muda, sendo percebido nas respostas das entrevistadas que o uso de meios digitais foi algo difícil de conciliar e de atrair os clientes para o presencial, pois as compras online se tornaram maior com a pandemia, ao passo que a internet veio para ajudar e trazer impactos positivos, ela também tem seus pontos difíceis para quem não tinha hábito de conciliar digital com presencial.

Além das questões a acerta do empreendedorismo enquanto os desafios e aprendizados na relação vendedor e cliente, também foi o perguntado para as empreendedoras como estas conciliam a vida família/filhos com seu negócio durante e pós-pandemia. É importante que falemos sobre como a mulher passou por lutas até aqui que durante toda sua trajetória esteve e ainda permanece enraizada sobre o seu lugar e seu papel no mundo estabelecido por outrem, ou seja, pelo homem e no contexto da pandemia é importante observar se essas questões se ascendem ou se não sofrem influências nem alterações.

Muitos são os estudos que apontam que a mulher é vista como a responsável pelos cuidados domésticos e criação dos filhos desde que o mundo é mundo e que essas configurações permanecem e perpassam mesmo diante as mudanças ocorridas durante os tempos, sendo assim por mais que a mulher tenha entrado no mercado de trabalho, tenha o direito de estudar, fazer faculdade a obrigação de cuidar da casa e dos filhos ainda não sofreu mudanças significativas.

Mas, com tantas conquistas a serem comemoradas, ainda, infelizmente vivemos numa sociedade patriarcal onde configura a mulher como a principal responsável pelo seu lar ou seja muitas mulheres enfrentam uma dupla jornada todos os dias, tendo que cuidar da casa, dos filhos e ter que ir trabalhar e muitas delas sofrem todos os tipos de abusos. (PONTE, SANTOS, LOUREIRO, SILVA, 2020, p. 396, 397).

Com a chegada da mulher no mercado de trabalho o mínimo esperado era que já que as mulheres estavam agora fazendo o “papel do homem” provedor do lar e junto dele colaborando financeiramente que as atividades domésticas fossem também divididas, já que além da cultura patriarcal ser um argumento a favor do homem, uma outra desculpa para que não colaborasse nos cuidados domésticos se dava por a mulher não trabalhar fora, retomando a abordagem de Hirata e Kergoat (2007, p. 603).

A idéia de uma complementaridade entre os sexos está inserida na tradição funcionalista da complementaridade de papéis. Remete a uma conceitualização em termos de “vínculo social” pelos conteúdos de suas noções (solidariedade orgânica, conciliação, coordenação, parceria, especialização e divisão de tarefas). A abordagem em termos de “complementaridade” é coerente com a idéia de uma divisão entre

mulheres e homens do trabalho profissional e doméstico e, dentro do trabalho profissional, a divisão entre tipos e modalidades de empregos que possibilitam a reprodução dos papéis sexuais. Ela aparece de formas diversas.

Sobre a conciliação que a autora trata, destaca Hirata e Kergoat (2007, p. 604) “No “modelo de conciliação”: cabe quase que exclusivamente às mulheres conciliar vida familiar e vida profissional.” Tendo isso, quando perguntadas sobre as tarefas de casa e cuidado dos filhos como ver a chegada da pandemia. A entrevistada 1 responde que a pandemia trouxe desafios significativos com relação as tarefas de casa e cuidado com os filhos, tendo as famílias que se adaptar rapidamente a está nova realidade, dividindo as responsabilidades e buscando soluções criativas para conciliar trabalho e família.

No caso da entrevistada 2, dos três filhos, dois eram grandes e um deles morava fora por tanto já se cuidavam sozinhos e a terceira filha nasceu durante a pandemia, por conta disto os cuidados com a filha menor e os cuidados com a casa não mudaram na pandemia já que era uma realidade que ela estava vivendo dentro da pandemia.

Para a entrevistada 3 “As tarefas de casa para mim elas dobraram, as crianças tiveram que passar todo dia em casa, então atenção e cuidado o dia inteiro, não só com elas, como a casa, como o esposo, então a chegada da pandemia para mim teve muita dificuldade afetou muito, me afetou bastante.” Já a entrevistada 4 foi a única que falou sobre a importância de dividir sempre como o segredo para ter uma família unida, conversar e ajudar, ver que a pandemia ajudou muito dividir as tarefas e passarem mais tempos juntos.

Importante destacar que quando perguntadas se elas acreditavam que com o isolamento a mulher se voltou mais para o papel de dona de casa, uma das entrevistadas teve uma visão diferente e salientou que:

É... sobre a mulher voltar a ser mais dona de casa isso ai eu acho que aconteceu bastante, eu nunca tinha pensado sobre isso mas é... eu acredito que sim porque a gente ficou dentro de casa né, então tudo era em casa e a mulher voltou a ao papel do lar né.” (ENTREVISTADA 2, 2023)

Foi observado pela pergunta, que das quatro entrevistadas, a entrevistada 4 foi a única que viu a chegada da pandemia sobre os cuidados dos filhos e da casa como algo positiva, com ressalva para a entrevistada 1 que aponta esse período para as famílias seja um momento de juntos buscarem soluções e dividirem as demandas da família, no caso dá 2, está não sentiu diferenças na sua rotina, mas sobre a segunda questão levantada, ela afirma que acredita que sim, a mulher voltou o seu tempo para o papel de dona de casa na pandemia, já a entrevistada 3 é um quadro mais comum sobre a mulher dona de casa, mãe e empreendedora estando ela dentro do que Hirata apontou sobre a conciliação de tarefas.

Em concordância com as dificuldades enfrentadas pelas mulheres empreendedoras na pandemia Ponte, Santos *et al.*, (2020, p. 397) ressalta:

Se antes da pandemia era difícil para a mulher ter que conciliar os serviços domésticos, com estudo, trabalho e filhos, imagina em meio a uma pandemia em que nos obriga a ficarmos isolados por meses, temos que nos adaptar ao novo cenário que nos apresenta, em ter que nos habituar com a rotina do outro, como internet que não comporta com a demanda, por ter tanto aparelhos ligados ao mesmo tempo, vizinhos que não compreendem o momento acabam colocando som muito alto ao ponto de incomodar e atrapalhar a nova rotina, achando que está em período de férias prolongadas, inexistência de computadores suficiente para todos da casa, pois, como creches, escolas, faculdades estão fechadas, então, a rotina educacional ficou sendo remotamente, e como gerenciar tudo isso em meio a tantas transformações?

Também foi percebido que a pandemia teve impactos mais fortes nas mulheres como um todo e principalmente em mulheres que trabalhavam fora e que tinham um empreendimento, é notório e até digamos esperado que ocorra uma queda nos empreendimentos femininos por todas as questões de gênero que estas passam observasse dados do SEBRAE (2021) onde mostra que no terceiro trimestre de 2020 havia cerca de 8,6 milhões de donas de negócios cerca de (33,6%) no Brasil, menor do que em 2019, onde esse percentual era de 34,5% que representa perda de 1,3 milhão de empreendedoras a frente de um negócio.

Sabendo disso foi preciso perguntar as entrevistadas sobre como elas conciliam vida pessoal/família com seu empreendimento, no caso da entrevistada 1 ressaltou que precisou fazer terapia, pois a filha está com o pai em outra cidade e ela por está morando a pouco tempo fora para conseguir ampliar seu negócio fica uma temporada longe, para ela está sendo muito difícil. Entrevistada 2 ressaltou que esta horrível, ressaltou por conta da correria só se ver o marido na hora de dormir e na hora do almoço. Em fala da entrevistada 3 ela comenta que:

É difícil, muito difícil, muito difícil você tem que ter muita força de vontade, você tem que gostar, tem que está disposta mesmo a fazer aquilo porque se você não gostar você não aguenta e tem que ter um roteiro, uma planilha para você saber eu tenho que fazer isso e isso, porque se você não tiver um controle você acaba misturando tudo e quando é final de semana você tá exausta.

Sobre a entrevistada 4 só é possível conseguir manter o empreendimento com todos colaborando, “Tem que ter muita paciência hahahah, tem hora que se estoura tudo, bagunça tudo tem hora que você olha assim a casa tá de perna pro ar, comida pra fazer, tem que ter assim, ajuda de todos né se todo mundo se ajudar aí da certo, todo mundo tem que colaborar.

Apesar de algumas delas terem o apoio do marido, ou da família em cuidar dos filhos, podemos concluir que das quatro, a entrevistada 3 foi a única que enfatizou os impasses sobre

a dupla jornada da vida e tarefas da mulher e como a dedicação e o gosto por empreender tem que existir para que não desista, a entrevistada 2 também aponta como é difícil conciliar família/filhos e empreendimento, as entrevistadas 1 e 4 também veem essa questão desafiadora e difícil.

Também foi perguntado para as mulheres se tiveram que largar o emprego ou desistir do seu negócio durante ou depois da pandemia e observou-se que a entrevistada 3 foi a única que sofreu com as questões de conciliar sua vida com seu empreendimento e no caso dela ela precisou desistir do seu negócio por esse motivo, pois não estava mais dando cota de cuidar de tudo e como o comércio pra ela estava complicado de atrair clientes ela não conseguiu continuar com a funcionaria que tinha e na sua loja e para ela não foi possível cuidar de casa, filhos, marido e ainda cuidar do negócio. As entrevistadas 1 e 2 não precisaram desistir do negócio, já a entrevistada 4 só fechou temporariamente por 4 meses na pandemia.

Apesar das respostas sobre esta questão só ter demonstrado uma das entrevistadas que teve que fechar seu negócio, isso demonstra que ainda existem mulheres que sofrem com as questões de gênero, pois a primeira que tem que desistir de uma carreira fora de casa é a mulher, como aponta Hirata e Kergoat (2007, p. 604):

Contudo, entre modelo e realidade das práticas sociais pode haver uma grande distância, e em geral incumbe apenas às mulheres operar essa conciliação. Essa abordagem deu margem a várias críticas na França. Hoje, certos pesquisadores propõem substituir “conciliação”, ou mesmo “articulação”, por “conflito”, “tensão”, “contradição” para evidenciar a natureza fundamentalmente conflituosa da incumbência simultânea de responsabilidades profissionais e familiares às mulheres.

Como dito pelas autoras as mulheres realmente passam por conflitos, tensões e problemas nesse sentido, pois ao ver que não pode trabalhar, ou que se esforçou para abrir e manter seu empreendimento e quando questões econômicas ou familiares acontecem em suas vidas, como se voltar mais para seu negócio ou desistir dele para cuidar dos filhos, casa e marido os conflitos de casa e negócio surgem.

Por fim foi possível observar que as mulheres sofreram muitos impactos trazidos pela pandemia, seja durante ou depois e que esses impactos ainda existem em seus cotidianos até os dias de hoje. Os impactos foram sentidos por elas intensamente tanto no campo família, pois as que dividiam tarefas seja de casa ou com filhos, também ressalta dificuldade de conciliar os dois, apesar de entre elas ter entrevistadas que viu o isolamento como algo positivo no campo família, em maioria essa é uma tarefa árdua.

Quanto no campo econômico, tendo que se adaptar ao novo estilo de vendas com a internet durante a pandemia, as que tiveram segmentos voltados para o online cresceu, ajudando

essas empresarias positivamente, pós-pandemia com a abertura do comércio o empreendimento tradicional poderia até achar que tudo voltou a ser como era outrora, mas as pessoas, o comércio, os produtos e o mercado em geral já era outro, as empreendedoras tiveram então que buscar se reinventar em meio ao mercado híbrido online versus presencial.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme foi apresentado ao longo deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), é possível destacar a importância em debater sobre os impactos da pandemia na vida de empreendedoras da cidade de São José do Egito-PE, visto que a pandemia trouxe muitas mudanças para a vida da mulher empreendedora.

Com os principais resultados obtidos, a pesquisa originou conhecimento sobre os diferentes métodos adotados pelas empreendedoras para permanência do seu comércio na pandemia, como mudanças e aprimoramentos na forma de vendas e contato com cliente, adaptação ao novo mercado digital, conciliação do presencial e do online, e questões voltadas para a relação e conciliação entre negócio e família.

Percebendo-se que as empreendedoras tiveram impactos positivos e negativos tanto no campo do comércio, como sobre a sua vida familiar. Como positivos, foram identificados para as empreendedoras de segmentos não presenciais que a pandemia impulsionou seu negócio por meio do uso de mecanismos digitais, além de ter despertado um olhar mais cuidadoso sobre o que e como empreender, quanto aos impactos negativos tem sido difícil para elas conciliar o digital com o tradicional e atrair cliente, no campo da família, algumas delas não sentiram dificuldade em conciliar família e negócio, enquanto para algumas isso foi algo muito difícil.

Assim tais informações apresentadas nesse trabalho contribuí de forma significativa para o campo do empreendedorismo feminino. Cabe salientar, que embora o empreendedorismo se torne uma possibilidade de renda para as mulheres, o contexto da precarização do acesso aos direitos sociais é agravado pelo neoliberalismo. Os conteúdos aqui apresentados demonstram que muitas pesquisas ainda podem ser realizadas a respeito do empreendedorismo feminino e pandemia, devido à importância do tema e inúmeras contribuições para o meio acadêmico.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Rosane Oliveira; BATISTA, Luiz Eduardo. Empreendedorismo feminino: razão do empreendimento. **Núcleo de Pesquisa da FINAN**, v. 3, n. 3, p. 1-14, 2012.
- AIACHE, Romilson Rangel. **Empreendedorismo**. 2022.
- BARBOSA, Attila Magno et al. O empreendedor de si mesmo e a flexibilização no mundo do trabalho. **Revista de Sociologia e Política**, v. 19, p. 121-140, 2011.
- COSTA, Irla Henrique; ANDROSIO Valéria de Oliveira. As transformações do papel da mulher na contemporaneidade. Governador Valadares: 2010. Disponível em: Acesso em: 28 fev. 2021
- COSTA, DEDILA. **ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA: SAIBA SUAS VANTAGENS E DIFERENÇAS**. GUPY. 2022. Disponível em: <https://www.gupy.io/blog/entrevista-semiestruturada>. Acesso em: 15 jun. 2023.
- DE LIMA, Máisa Dandara Alves; MACÊDO, Maria Eirilúcia Cruz. Novas Experiências acerca do Comportamento do Consumidor na Pós-Pandemia/New Experiences about Consumer Behavior in the Post-Pandemic Period. **ID on line. Revista de psicologia**, v. 16, n. 63, p. 1-14, 2022.
- DE FARIAS, Debhora Souza. As Vantagens e Desvantagens do MEI–Microempreendedor Individual. **Revista Processus Multidisciplinar**, v. 3, n. 6, p. 21-27, 2022.
- DE FREITAS MUSSI, Ricardo Franklin et al. Pesquisa Quantitativa e/ou Qualitativa: distanciamentos, aproximações e possibilidades. **Revista Sustinere**, v. 7, n. 2, p. 414-430, 2019.
- DOS SANTOS, Evellen Santos Antunes; ODERICH, Cecilia Oderich Leão. Gestão do Tempo: Estudo de Mulheres Empreendedoras. **Revista Gestão e Organizações**, v. 6, n. 4, p. 40-65, 2021.
- DA SILVA, Liandra Chirley Medeiros; DA SILVA OLIVEIRA, Natalia Queiroz; PAIVA, Monikely de Oliveira Silva. Mulheres empreendedoras: Os impactos da pandemia nos aspectos emocionais e cognitivos de seus negócios. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Micro e Pequenas Empresas**, v. 7, n. 01, p. 137-152, 2022.
- ESTEVÃO, Fernanda Bulhões. **Empreendedorismo feminino em mari as adaptações necessárias à sobrevivência na pandemia da Covid-19**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso.in the Post-Pandemic Period. **ID on line. Revista de psicologia**, v. 16, n. 63, p. 1-14, 2022.
- FARIA, Maria Helena Ferreira de; SILVA, Carlos Eduardo Sanches da. Elementos de educação empreendedora no contexto da Engenharia de Produção: a universidade estimulando novos negócios. **Anais do XIII SIMPEP–Bauru, SP, Brasil**, v. 6, 2006.
- GIMENEZ, Fernando Antonio Prado; FERREIRA, Jane Mendes; RAMOS, Simone Cristina. Empreendedorismo Feminino No Brasil: Gênese E Formação De Um Campo De Pesquisa (Female Entrepreneurship in Brazil: Genesis and Formation of a Research Field). **Gimenez, F., Ferreira, J., & Ramos, S.(2017). Empreendedorismo Feminino no Brasil: Gênese e**

Formação de Um Campo de Pesquisa. REGEPE-Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas, v. 6, n. 1, p. 40-74, 2017.

HIRATA, Helena. Tendências recentes da precarização social e do trabalho: Brasil, França, Japão. **Caderno crh**, v. 24, p. 15-22, 2011.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de pesquisa**, v. 37, p. 595-609, 2007.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. O IBGE Apoiando o Combate a COVID-19. 2020. Disponível em: <https://covid19.ibge.gov.br/pnad-covid/>. Acesso em: 12 maio 2023.

LEITE, Elaine da Silveira; MELO, Natália Maximo. Uma nova noção de empresário: a naturalização do "empreendedor". **Revista de Sociologia e Política**, v. 16, p. 35-47, 2008.

KÜCHEMANN, Berlindes Astrid; BANDEIRA, Lourdes M.; ALMEIDA, Tânia Mara C. A categoria gênero nas ciências sociais e sua interdisciplinaridade. **Revista do CEAM**, v. 3, n. 1, p. 63-81, 2015.

LEITE, Elaine da Silveira; MELO, Natália Maximo. Uma nova noção de empresário: a naturalização do "empreendedor". **Revista de Sociologia e Política**, v. 16, p. 35-47, 2008.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos da metodologia científica. In: **Fundamentos da metodologia científica**. 2010. p. 320-320.

MIRANDA, Tereza Lopes; SCHIMANSKI, Edina. Relações de gênero: algumas considerações conceituais. **Relações étnico-raciais, de gênero e sexualidade: perspectivas contemporâneas**. Ponta Grossa: Editora UEPG, p. 67-91, 2014.

MARTINS, ADELIANE BRAZ; SILVA, JAQUELINE CÂNDIDA DA; VIEIRA, PAULIANE DE SOUZA BURGARELLI. **DESIGUALDADE DE GÊNERO NO MERCADO DE TRABALHO**. 2017.

NIETZSCHE, F. (2005). *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1878).

PONTES, Alessandra Nascimento et al. Os desafios da mulher empreendedora em tempos de pandemia (COVID-19) e o enfrentamento em conciliar: família e trabalho. **SCIAS-Educação, Comunicação e Tecnologia**, v. 2, n. 2, p. 391-404, 2020.

PEREIRA, Leonardo César. Mudanças no processo de trabalho: repercussões e significados das reestruturações produtivas. **REDD–Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**, v. 3, n. 1, 2010.

RODRIGUES, Paulo Jorge et al. O trabalho feminino durante a revolução industrial. **XII semana da mulher**. São Paulo, 2015.

SEBRAE - 2a. Pesquisa "O impacto da pandemia de coronavírus nos pequenos negócios", com coleta entre 3 e 7 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/sebraeaz/pesquisas-de-impacto-setorial,4ade7b9840a51710VgnVCM1000004c00210aRCRD>

SOUZA, Daryane Ariel. KAZMIERCZAK, Marília. COUTO, Rafaella. **Mulher e sociedade: Como podemos compreender as mulheres à luz de seus direitos**

sociais na contemporaneidade? Revista Eletrônica Colégio Mãe de Deus. Volume 3, Setembro de 2012.

SILVA, Leonardo Pinheiro Rocha da. Microempreendedoras individuais: seus desafios e potencialidades em tempos de pandemia da Covid 19. 2022.

TOMETICH, Patricia. Empreendedorismo—um conceito impreciso. **Revista Estratégia e Desenvolvimento**, v. 4, n. 1, 2020..

XAVIER , DAYANA CAROLINE. **O MUNDO DO TRABALHO E ASPECTOS DO TRABALHO INFORMAL NA ATUALIDADE**. 2014 Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Questão Social pela Perspectiva Interdisciplinar) - Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral., Martinhos , 2014.

SILVA, Leonardo Pinheiro Rocha da. Microempreendedoras individuais: seus desafios e potencialidades em tempos de pandemia da Covid 19. 2022.

APÊNDICE

ROTEIRO DAS MULHERES EMPREENDEDORAS DE SÃO JOSÉ DO EGITO – PE

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome:

Idade:

Grau de escolaridade:

União Estável:

Filhos:

Questionário:

1. Como sua empresa começou? Você pensou sobre isso por muito tempo antes de realmente começar o negócio? Fez planejamento? Você já havia considerado a possibilidade de abrir um negócio como uma opção de vida? Conte sobre seus primeiros tempos.
2. Qual tipo de negócio iniciou como empreendedora
3. Desde quando abriu seu negócio?
4. O que levou a empreender?
5. Como enxerga o empreendedorismo?

6. Se dedica apenas a seu negócio ou tem outra fonte de renda?
7. Como ver a chegada da pandemia na sua vida?
8. Durante a pandemia continuou com o empreendimento? Se sim, o que fez para manter-se no mercado; Se não, quais foram os obstáculos encontrados no caminho pra fechar o empreendimento. Discorra:
9. Quais os maiores desafios que a pandemia do COVID-19 acarretou no seu empreendimento?
10. Com a abertura do comercio no pós-pandemia, quais foram às mudanças necessárias e quais meios foram aderidos para seu negócio permanecer aberto?
11. Durante e depois da pandemia viu necessidade de mudar o nicho do negócio para conseguir continuar empreendendo e trabalhando para você?
12. Como você identifica oportunidade?
13. Quantas horas você trabalha por dia? Trabalha aos sábados e domingos? Você tira férias? Você pensa em se aposentar?
14. Qual o fator mais importante para o sucesso da sua empresa?

15. Como concilia vida pessoal/família com seu empreendimento?
16. Como enxerga a obrigações da mulher e a do homem nas tarefas de casa e cuidados dos filhos?
17. Sobre as mulheres no mercado de trabalho o que poderia ser diferente para melhorar a vida empreendedora?
18. Qual apoio e ajuda senti falta para manter-se trabalhando?
19. Como enxerga a abertura do comércio após o período de isolamento até os dias atuais?
20. Quais dificuldades encontrou quando seu negócio reabriu e se elas ainda existem até hoje?
21. Senti que mesmo depois desse tempo, nos dias de hoje a pandemia ainda influencia na forma que o empreendedor deve trabalhar? Cite o que e quais são essas influencias?
22. Quais mudanças você percebeu no empreendimento antes da pandemia e depois da pandemia?
23. Das mudanças feitas durante a pandemia, quais permaneceram no pós pandemia e até o momento atual ?
24. Acredita que a pandemia foi mais prejudicial para a mulher ou para o homem?
25. Sobre as tarefas de casa e cuidado dos filhos como ver a chegada da pandemia?
26. As mudanças da pandemia na vida das famílias brasileiras é algo que permaneceu nos dias atuais, ou em casa quando o isolamento acabou tudo voltou como era antes da pandemia?
27. Acredita que com o isolamento a mulher voltou a ter ainda mais o papel de dona de casa? Justifique sua resposta.
28. Teve que largar o emprego ou desistir do seu negócio durante ou depois da pandemia? Se sim, por quais motivos?